

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APPAI

... CORREIOS ...



PERFIL EMPREENDEDOR

Escola da Baixada inova e
leva o mundo dos negócios
para as salas de aula,
proporcionando uma visão
sistêmica de acesso ao
mercado de trabalho



CONFIRA:



Andréa Schoch



Sandro Gomes

NA PALAVRA DO EDITOR, DOIS NOVOS COLUNISTAS
SÃO APRESENTADOS A VOCÊ. ELA MESTRE EM
EDUCAÇÃO E ELE, EM LITERATURA



EM VEZ DE “POR QUÊS”, MAIS RESPOSTAS

Julio Cesar da Costa
Editor Revista Appai Educar

Em tempos de Olimpíadas, sabemos que a confraternização entre os povos é o grande legado de uma nação. Entretanto, essa interação precisa estar revestida pelas nuances da educação englobando os processos de ensinar e aprender.

Seja na doutrina dos corpos e de seus muitos movimentos ou na catequese das letras.

Em 2014, o nosso ensino médio, por exemplo, amargou um dos índices mais baixos em sua curvatura educacional. Mais de 600 mil alunos, segundo o Censo Escolar, afastaram-se das salas de aula nesta etapa do ensino, alcançando apenas 3,7 em uma escala de 0 a 10 do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Em 2015, na pré-escola mais de 690 mil crianças deixaram de ser atendidas em diferentes situações regionais. Para os pequenos da creche, de 0 a 3 anos, a situação também é bastante desconfortável, pois apenas 30% conseguiram uma vaga em uma creche pública este ano.

Os “por quês” desses e outros resultados não satisfatórios nos ciclos da educação brasileira são inevitáveis. Entretanto, mais que se perguntar onde foi que erramos ou deixamos de fazer ou investir, entendo que precisamos realizar ações que apoiem e fomentem o crescimento da qualidade da educação. Seja com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que parece estar na reta final, seja com a implantação de outras medidas tomadas pelos órgãos competentes, mas sobretudo com o investimento na formação contínua dos professores iniciais e de carreira.

Como parte desse movimento em apoio à educação, temos disponibilizado aos nossos professores cursos e palestras através do benefício Educação Continuada e da Educação Continuada a Distância, sempre com a preocupação de trazer conteúdos que agreguem mais conhecimentos na atualização curricular desse discente. Além da Revista Appai Educar, que é um material de apoio direto ao professor na divulgação e transmissão de conteúdos através dos projetos realizados nas escolas pelo país.

Desde agosto, a Appai colocou mais dois reforços nessa linha de frente da educação mais criativa e inovadora. A ideia central é prover ainda mais ferramentas que auxiliem o educador a aprimorar o seu trabalho dentro e fora da sala de aula. Todo domingo e terça, os mestres Sandro Gomes e Andréa Schoch, respectivamente, assinam o *blog* da Associação mostrando propostas de grandes educadores e colocando suas opiniões e pesquisas acerca de temas históricos e atuais.

A semana começa com o Mestre em Literatura Brasileira, professor e escritor Sandro Gomes, que também é revisor e colunista da Revista Appai Educar, falando sobre a nossa história e seus desdobramentos. Às terças, a Mestre em Educação, especializada em formação de professores e Consultora da Appai, por meio da EAD, Andréa Schoch, compartilha com a gente as propostas pedagógicas de grandes educadores nacionais e internacionais da atualidade.

Tenho certeza de que serão contribuições que ajudarão você, professor, em sua jornada de transmissão de conhecimentos, de reflexões e, sobretudo, de vivência diária na prática pedagógica em sala de aula. E fique ligado, vêm aí mais novidades para você somar a seus conhecimentos e garantir às nossas crianças e jovens uma educação que, cada vez mais, dê vez e voz a todos os atores da comunidade escolar. Até breve!



Opinião

O museu e a escola

Lúcia Yunes¹

O museu e a escola são espaços de aprendizagem, espaços de educação. Seu trabalho é difundir informações obtidas a partir das atividades de pesquisa e documentação que realiza. Por meio de suas exposições, procuram argumentar com o público suas intenções e através de mecanismos alternativos de avaliação, como livros de opinião, procuram saber se e como foram compreendidos.

Museus são espaços de prazer, de descoberta, de gosto pelo saber. Querem provocar, instigar a pesquisa. Mesmo a discordância do visitante precisa ser acolhida e analisada enquanto um outro olhar sobre o discurso proposto pelo museu.

Museus, como as escolas, são espaços dedicados ao ensinar e aprender, mas não são escolas no sentido formal da palavra. Muitas vezes, visitando um museu, as instituições acabam por transformá-lo numa sala de aula, reproduzindo seus métodos de ensino e pedindo dos alunos o mesmo tipo de avaliação, como quando se toma uma lição ou se corrige um dever. Muitas vezes são os próprios museus que se colocam nesse lugar, querendo substituir a escola. A preocupação do Museu de Folclore Edison Carneiro tem sido a de se tornar parceiro dos educadores para mudar esse quadro. Tem procurado evidenciar que a ele cabe um papel de contraponto ao processo formal de aprendizagem promovido pela escola. Ora complementa as atividades escolares com informações sobre temas estudados em aula e ora as confronta, questionando conceitos sobre folclore e cultura popular que são veiculados na escola. Nossa intenção não é nos colocarmos no lugar do professor, não o substituindo na sua tarefa essencial de orientar sua turma. Por isso, quando ele deseja comparecer ao museu com seus alunos, primeiro o convidamos para conhecer a instituição, seus acervos e espaços para que possa então conduzir a visita de seu grupo. O professor é o melhor guia para um passeio de sua turma.

Quem melhor do que ele conhece seus alunos, suas expectativas, suas histórias e pode adequar a visita a seus interesses e necessidades?

Nosso papel é o de apoiar este trabalho para que haja um melhor aproveitamento da exposição. Já o do professor é o de mediar a relação entre as informações oferecidas pelo museu e o programa escolar. Este, por sua vez, pode e deve estar a serviço do trabalho do educador. É um bom instrumento para apoiar pesquisas e referenciar estudos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. Quer contribuir para o que deve ser o mais importante no trabalho do professor – fazer o aluno aprender a pensar.

Assim como escolhe um livro ou um capítulo dele para leitura da turma, assim também o museu ou parte dele pode ser uma opção para iniciar um assunto, complementar uma atividade, ou até mesmo ajudar a provocar uma discussão. Quando o conhecimento não está pronto e vai sendo construído passo a passo, acabamos por aprender de um jeito mais simples e mais fácil o passo seguinte. Também não adianta um “monte” de conhecimento pronto e tudo a ser decorado. Quem educa sabe que, quanto mais se ensina, menos se aprende, porque ninguém consegue aprender a pensar com tanta coisa para lembrar depois.

Ao convidar o educador para uma visita prévia queremos oferecer-lhe instrumentos para descobrir a potencialidade do museu enquanto parceiro de seu trabalho; queremos desmistificar este lugar sagrado e reverenciado do museu como se ali estivesse um saber pronto e acabado e sem conflitos; queremos provocar seu olhar para novas descobertas e questionamentos para com o discurso da exposição que visita. O convite para descobrir o museu, inclui, no nosso caso, o desejo e a preocupação de encontrar uma nova relação da escola com os estudos de folclore. E que melhor momento temos senão quando recebemos cada professor para conversar e trocar conhecimentos?

Muitas vezes a cultura popular aparece nos programas escolares como um evento, ou conjunto de curiosidades, algo externo ao próprio programa. Tudo acaba numa visita ao museu ou numa festa, em que as crianças representam uma manifestação quase sempre escolhida com esmero, muitas vezes de uma região bem distante daquela em que vive sua própria experiência pessoal. Tudo isso, em geral, com empenho de alunos e professores, sem que o resultado,

**EXPE
DIEN
TE**

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Tony Carvalho, Jéssica Almeida, Richard Günter,
Marcela Figueiredo e Sandra Martins

Fotografia
Marcelo Ávila

Direção de Arte
Marcel Schocair Costa

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 68.000 (sessenta e oito mil)

Impressão e distribuição
Edigráfica – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a
redação da Revista Appai Educar:**

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

¹ Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

mesmo que positivo, sirva para algo mais do que um “programa cultural” ou a exibição para pais e comunidade. O mês de agosto acaba, e o folclore vai embora com ele.

Para explicitar melhor como o museu entende a ideia e o papel dos estudos de folclore na escola, seria bom conversar um pouco sobre a relação da educação com a cultura.

Cultura diz respeito ao modo de ser e de viver de diferentes grupos que formam uma sociedade: a língua, as regras de convívio, o gosto, o que se come, o que se bebe, o que se valoriza, o que se veste vão formando o que é próprio de um povo, de uma sociedade ou de parte dela.

O Brasil é tão grande e com tantas diferenças que não se pode falar de uma única cultura, mas de muitas. Você já parou para pensar, por exemplo, em quantas nações indígenas nós temos? E das culturas africanas que para cá vieram? Não foi uma nação, mas muitas a formar o que chamamos de cultura afro-brasileira. A cultura popular é tudo isso bem misturado e refletido nos muitos jeitos de ser do brasileiro.

Por tudo isto a educação não pode estar separada da questão cultural. Ela é resultado das práticas culturais de um grupo social. O próprio processo de ensinar e aprender revela essas práticas. Até o como se ensina é uma das dimensões da cultura. A cultura é o que alimenta, dá forma e conteúdo à educação. Em sala de aula, experiên-

cias, vivências e singularidades estão reunidas. É como uma micro-sociedade onde tantos jeitos de ser, de ver, de brincar de rezar e festejar se confrontam e se misturam. Alunos e professores trazem suas bagagens e histórias. Trocas, negações e reafirmações de culturas pulsam o tempo todo nesse convívio.

Em sala de aula não é possível ignorar essas diferenças, até porque as vivências e os saberes de cada aluno é que vão construir novos saberes e gerar outros conhecimentos. É preciso estar atento ao que cada um traz de contribuição pessoal e tirar partido para o trabalho cotidiano do professor com sua turma.

Trabalhar o conceito de folclore numa visão contemporânea significa estudar as manifestações de forma contextualizada, em que a preocupação não seja mais saber o traje típico ou a comida da região, mas qual o significado da roupa da festa, ou por que, naquela festa, a comida é especial ou quem são as pessoas que festejam, como é a vida delas fora dali, como é o cotidiano de cada um, etc. São questões que pontuam nosso trabalho e que queremos partilhar com a escola no sentido de restaurar nos estudos do folclore não a eventualidade, mas o homem e sua relação com a vida e as coisas que constrói e cria: sua cultura.

1 Lúcia Yunes é Mestre em Educação e Coordenadora Técnica do CNFCP



Opinião

Programa Educativo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Lucila Silva Telles²

Para tratar das ações educativas que o Centro desenvolve, é preciso falar um pouco sobre esta instituição e de como foram e são permanentemente construídos os diálogos travados com os educadores.

Um objeto museológico carrega um conjunto de saberes, histórias, crenças e expressões em sua confecção e utilização no contexto em que foi recolhido, como em geral são as peças de museu. Tem, portanto, uma longa trajetória até se tornar um objeto estático, que não pode mais ser tocado,

sob pena de se cometer alguma heresia, pois, se ele está em um museu, merece certa reverência porque carrega um valor, certa carga reverenciável que a maioria dos visitantes que nos chegam não sabe qual é; só sabe que existe.

Esse distanciamento reverente do público diante do objeto de museu, ou do texto em uma publicação especializada, é um pouco o que nos move. Também somos impulsionados por outras reverências distanciadoras percebidas nesse público, como em relação ao tema folclore, que todo aluno em qualquer escola aprende que significa “saber do povo”, algo importante o suficiente para ter uma data especial que precisa ser comemorada a cada ano, embora ele não tenha ideias muito claras do que sejam o saber e o povo aos quais o termo se refere.

Com base na observação do público, especialmente os professores e estudantes que formam

grande parcela dos visitantes e pesquisadores de nossos acervos, é que vêm sendo construídas as linhas do Programa Educativo do Centro a partir dos anos 1980.

É importante frisar aqui que, assim como a pesquisa, a educação sempre foi um importante ponto de ação desta instituição. Desde 1958, quando foi criada com o nome de Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, até os anos 1970, ela já era marcada pelas ações de pesquisa e difusão, que tinham como objetivo claro a escola – o Museu de Folclore Edison Carneiro é bem posterior, de 1968. Eram realizados concursos de redação, atribuídas premiações a trabalhos escolares, distribuídas publicações, das quais temos até hoje alguns exemplares das séries “Cadernos de Folclore” e “Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro”, que são os disquinhos compactos. Cada número dessas séries tinha tiragens em torno de 10.000 exemplares, distribuídos massivamente pelas escolas do país. Com esse esforço de enorme fôlego, que tem origem nas recomendações da Unesco, no pós-guerra da década de 1940, no sentido da reconstrução das nações por meio da valorização da identidade dos povos, a Campanha consegue inserir de maneira definitiva o tema na pauta escolar, no calendário oficial e no imaginário de sucessivas gerações de brasileiros.

Na década de 1980, o Centro passa por uma reformulação das linhas conceituais que orientam sua atuação e se aproxima da Antropologia. Com isso, o folclore, para a instituição, começa a ser projetado como um campo de estudos voltado para os conjuntos complexos de saberes, crenças, expressões, visões de mundo e modos de vida dos homens e mulheres de uma sociedade ou de grupos sociais dentro dela. Expressões de sua cultura, que estão em permanente transformação.

Nessa mesma época, também o conceito de educação se amplia, entendida como processo permanente na vida em sociedade e, portanto, uma das dimensões da cultura dessa sociedade. Nesse sentido, todas as iniciativas de difusão, voltadas para tornar públicos acervos, resultados de pesquisas e discussões nesse campo de estudo, são encaradas como ações educativas, ações de formação de público.

Seja na concepção e montagem de uma

exposição, seja na linha de uma edição, na construção de uma página da internet, na seleção de um filme para exibição, etc., essa função de formação de público se dá de maneira mais ou menos explícita, e ali estarão sempre presentes argumentações, escolhas, desejo de comunicar conceitos, visões, certezas e incertezas; desejo de dialogar, de saber que recepções essa comunicação tem, que impactos gera e, claro, que público é esse.

Essas respostas chegam majoritariamente do público escolar, que com frequência põe em xeque a eficácia da comunicação do Centro, seja explicitamente, quando questiona a estrutura da exposição permanente, que não tem muitas informações objetivas, não oferece visitas guiadas, não se divide em regiões; seja implicitamente, quando encontra dificuldades em fazer sua pesquisa na biblioteca ou nos acervos virtuais.

Buscando trabalhar com esse público no sentido de ampliar os conceitos de folclore e atualizar os de museu e de pesquisa em biblioteca, vai sendo construído o Programa Educativo do Centro.

Visita preparatória

A partir de contatos diretos e individuais de professores que buscavam no Centro mais informações sobre como trabalhar os temas da cultura popular com seus alunos a partir da ida ao Museu, foram delineadas as visitas preparatórias. Oferecidas regularmente, nessas ocasiões professores de diferentes realidades se encontram para uma prática que se inicia com um panorama geral sobre o Centro, seguida de uma exposição de longa duração, em que apenas são pontuadas algumas áreas estratégicas, e, por fim, uma nova conversa, quando então é possível trocar informações e discutir as muitas possibilidades de desdobramento daquele encontro.

A opção de não oferecer visitas guiadas aos grupos parte do pressuposto de que é o professor, que conhece a realidade de seus alunos, o melhor mediador para sua turma. A partir desse encontro prévio, ele pode estabelecer a melhor maneira de explorar a exposição, trabalhando antes, durante e depois do evento os temas que eleger. E como o universo que a mostra apresenta é muito grande, com possibilidades infinitas, sugerimos que o

melhor é realizar escolhas, eleger algumas áreas e descartar outras, podendo fazer do museu um objeto permanente de pesquisa, como quando se escolhe certo capítulo de um livro para trabalhar, sabendo que sempre é possível voltar à mesma obra para estudar outros capítulos, em qualquer sequência.

Projetos educativos

Os projetos itinerantes levam para as escolas, e eventualmente para instituições de cultura, um recorte dos acervos do Centro. “Olhando em volta”, “De mala e cuia” e “Fazendo fita” buscam aprofundar o debate sobre os conceitos de folclore e cultura popular e ampliar as possibilidades de abordagem desse universo junto ao público escolar. Os três projetos são emprestados por cerca de 40 dias, atendendo a turmas de ensinos Fundamental e Médio, e podem ser explorados por professores de diferentes disciplinas.

Olhando em volta

A distância geográfica de algumas escolas no Rio de Janeiro (onde está a sede do CNFCP) e Grande Rio – além de dificuldades de infraestrutura para a saída de turmas em visitas e passeios, atreladas ao desejo da equipe da casa de trabalhar, junto com os conceitos de folclore, os de museu, de objeto museológico – deram origem ao primeiro projeto, o “Olhando em volta”, uma pequena exposição criada para ser montada pelos alunos com o fim de desvelar os bastidores de um museu, ou seja, a trajetória que um objeto percorre desde que entra em uma instituição museológica até o momento em que integra uma exposição e é então apresentado ao público. Assim como em um museu, há fontes de pesquisa, fichas de tombo, pincéis e flanelas para higienização, vitrinas para serem montadas, painéis para fixação de fotos e textos de apoio. Durante o período em que o projeto fica na escola, os alunos lidam com os objetos e com as informações oferecidas sobre os temas de que tratam, e podem buscar outras fontes e outros objetos em seus acervos pessoais e no universo em que vivem. Olhando em volta, os estudantes se apropriam dos temas propostos, compondo assim

uma exposição autoral. Depois do processo que precede a montagem, a exposição pronta é divulgada pelo grupo e poderá ser visitada por outras turmas e escolas, parentes e vizinhos, sendo registradas sua presença e também suas opiniões em livros próprios.

O projeto tem três módulos: um trata de arte, com foco em alguns artistas que expuseram na instituição; outro que aborda algumas festas tradicionais; e o terceiro, que tem por tema o trabalho.

De mala e cuia

A pesquisa do público na Biblioteca gerou o projeto *De mala e cuia*. Literalmente invadida nos meses em torno de agosto, a Biblioteca Amadeu Amaral, a maior na América Latina especializada em folclore e antropologia cultural, não conseguia lidar com aqueles meninos e meninas, em sua maioria do Ensino Fundamental, que, em grupos, chegavam para pesquisar o folclore brasileiro, o das regiões, diversos elementos ou traços “típicos”, entre outros temas genéricos e superficiais. E não tinham muito sucesso em suas buscas, pois não havia publicação que desse conta de sintetizar em poucas linhas assuntos tão vastos, tão complexos como “o folclore do Nordeste”, por exemplo, que além de tudo – e por tudo isso mesmo –, acabavam ficando desinteressantes. O resultado final era a cópia simples de algum trecho às vezes incompreensível, afinal tratava-se apenas do cumprimento de uma tarefa que se repetia todos os anos.

Da década de 1990, quando os projetos itinerantes foram criados, até os dias de hoje, muita coisa mudou. Os estudantes e interessados em geral encontram na internet, cujo acesso no Brasil felizmente é cada vez mais universalizado, vastíssimo e diversificado material para suas consultas, sobre qualquer assunto. Também no portal do CNFCP há cada vez mais acervos para consulta. Sabemos, no entanto, que há muita coisa boa que não está disponível na grande rede e, principalmente, que a qualidade da pesquisa vai sempre depender da nossa capacidade de selecionar, relacionar e “processar” as informações disponíveis, de modo que o resultado seja um material consistente, que faça sentido para nós – e consequentemente para aqueles que vão ler.

O projeto foi gestado a partir de um levantamento exaustivo do acervo e das fichas das consultas realizadas. O caminho escolhido foi oferecer tanto os temas mais recorrentes naquelas fichas, portanto demandas “tradicionais”, e outros jamais buscados por esse público, mas que gostaríamos de ver contemplados nas pesquisas, como, por exemplo, os ritos de passagem. Entre alguns ótimos retornos dessa escolha, e que nos oferece inúmeros significados, há a frase registrada por um menino no caderno de impressões que acompanha o projeto: “Eu não sabia que casamento era folclore!”. Nesse arroubo de espanto e curiosidade, talvez seja possível enxergar pistas de um processo de desmonte de conceitos até então cristalizados.

O acervo do *De mala e cuia* é composto por livros, revistas, catálogos de exposições, recortes de jornais, folhetos de cordel, postais, além de algumas gravações sonoras e em vídeo. Apresenta textos especialmente produzidos que são na verdade uma conversa com o professor, que busca apoiar a pesquisa escolar de maneira a proporcionar uma abordagem mais aprofundada do universo da cultura popular. É uma proposta para que percebam mais próximos temas aparentemente distantes do dia a dia de seus alunos, e a sugestão de cruzamentos possíveis entre inúmeras expressões costumeiramente tratadas de maneira estanque, como as crenças, saberes e relações sociais envolvidos na preparação e realização de uma festa. Propõe-se ali, portanto, a apropriação dos temas por meio da investigação de seus contextos; uma mudança radical, como quando se muda de mala e cuia.

Fazendo fita

Finalmente, o projeto *Fazendo fita*, o mais recente de todos, oferece acervos de áudio e vídeo. Faz um passeio por um extenso universo de composições musicais (autorais ou de domínio público) que foram selecionadas a partir de uma série de temas da cultura popular (associadas a ritos de passagem, tecnologias tradicionais, expressões da fé, festividades e arte), abarcando músicas e sonoridades cujos temas, ritmos e contextos de ocorrência permitem estabelecer inúmeras relações para tratar a cultura popular. Seguindo essa mesma linha, mas em menor escala, pela própria limitação de títulos, estão selecionadas as produções em vídeo.

Com esses três projetos, parte dos acervos institucionais, em seus diferentes suportes – bibliográfico, museológico e sonoro-visual –, é oferecida para as escolas. Ao longo dos anos têm sido possíveis novas experiências de empréstimo, permitindo maior circulação desse material em outras cidades e estados, em que os projetos percorrem as redes de ensino sob coordenação de instituições locais. Seu destino natural é ganhar autonomia – pois já alcançaram a maioria – e, principalmente, se multiplicar em diversas malas ou baús com esses e outros acervos, constituídos nas vivências, memórias e desejos coletivos de que na maioria das vezes o Centro tem apenas vagas e eventuais notícias.

² Lucila Silva Telles é Licenciada em Letras e Coordenadora do Setor de Difusão Cultural do CNFCP.

Educação Ambiental

UM TEMA SUSTENTÁV



EL



Projeto ensina que cuidar do meio em que vivemos é preservar a vida com mais excelência

Fala-se muito sobre a importância da consciência ambiental para a preservação da vida na Terra. Mas o que a escola tem feito para que seus alunos comecem a ter atitudes sustentáveis? Conforme destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), “a educação sozinha não é suficiente para mudar os rumos do planeta, mas certamente é condição necessária para que isso aconteça”. E é nesse sentido que o Jardim Escola Aladdin organizou um projeto pedagógico com foco nos 4Rs da sustentabilidade. As atividades desenvolvidas em sala de aula, e no dia da culminância, fizeram com que os estudantes refletissem sobre o assunto e praticassem ações que, somadas as de outras pessoas, venham a ter um impacto positivo para toda a sociedade.

O trabalho foi realizado ao longo do bimestre, com a participação de todas as turmas e atividades direcionadas de acordo com a faixa etária de cada série. De forma lúdica, o significado de cada “R” foi sendo abordado em sala de aula, e as atividades propostas tinham o intuito de fazer com que os alunos compreendessem que Reduzir, Reciclar, Reutilizar e Recuperar pode ser algo vantajoso para a comunidade e ao mes-



Os alunos prepararam maquetes mostrando o impacto da poluição nas cidades, animais em extinção e cartazes com pesquisas sobre sustentabilidade



mo tempo divertido. A ideia foi “promover o envolvimento de alunos, professores, pais e comunidade em defesa da sustentabilidade do nosso planeta, levando-os à conscientização quanto à necessidade de preservação ambiental e da reutilização de resíduos sólidos”, destaca o texto de apresentação do projeto.

Inez Regina Monte, coordenadora da Educação Infantil, conta que ao longo do período foram realizadas várias rodas de conversa em sala de aula para possibilitar a troca de conhecimento sobre o tema e tratar de assuntos específicos, como o cuidado com as plantas, a terra, a água e o ar. Os alunos assistiram alguns vídeos educativos sobre meio ambiente, leram histórias, ouviram músicas e desenvolveram trabalhos de observação. Além disso, foi solicitado que eles levassem para a escola alguns tipos de materiais que pudessem ser reutilizados para a confecção de novos objetos.

“Temos a preocupação de preparar essa geração para ser ativa na construção de uma melhor qualidade de vida. Quando trabalhamos o tema, eles começaram a economizar água ao escovar os dentes e ao tomar banho e, com isso, conseguimos atingir toda a família, porque a criança leva a discussão para dentro de casa”, afirma a educadora.



Os estudantes também apresentaram aos convidados coreografias feitas para músicas com letras sobre o meio ambiente, jograis, poesias autorais, paródias e entabularam uma batalha de rap sobre sustentabilidade

Este não foi um projeto isolado. A instituição tem como prática cotidiana estimular a conscientização quanto ao consumo da água, da luz e dos materiais, por considerar que o aprendizado na escola é multiplicado em toda a comunidade. “Eles levam os ensinamentos para casa e para a vida. Estamos preparando as crianças para construir um futuro melhor em sociedade, por isso ensinamos a reciclar e a brincar produzindo o próprio brinquedo”, afirma Rosa Muniz, diretora da escola.

Acompanhados por educadores, os alunos construíram bonecos com caixa de papelão e latas de achocolatados, jogos com palitos de picolé e tampas de enlatados, além de brinquedos como cata-vento e biruta, utilizando garrafas PET. Além dos objetos, os alunos prepararam maquetes mostrando o impacto da poluição nas cidades, animais em extinção e cartazes com pesquisas sobre sustentabilidade. “Nós buscamos relacionar o conteúdo curricular com o tema abordado, pois é importante realizar essa educação preventiva e tentar recuperar o que já está destruído. É papel da escola preparar essa geração para uma maior conscientização ambiental”, reflete a coordenadora do Ensino Fundamental, Fabiana Barreto.

Para a culminância do projeto, os professores organizaram uma exposição com os jogos e brinquedos construídos a partir de materiais que iriam para o lixo. Os alunos de outras turmas puderam conhecer a produção dos colegas e perceber quanta coisa pode ser aproveitada com o que jogamos no lixo diariamente. Os estudantes também apresentaram aos convidados coreografias feitas para músicas com letras sobre o meio ambiente, jograis, poesias autorais, paródias e entabularam uma batalha de rap sobre sustentabilidade.



■ Por *Marcela Figueiredo*

Jardim Escola Aladdin

Rua Coronel Tedin, 337 – Pechincha – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22740-240

Tel.: (21) 3648-7402

E-mail: jealaddin@hotmail.com

Fotos: Marcelo Ávila



Multiculturalidade

NÓS SOMOS MULTI



CULTURAIS

Abordagem cotidiana que agrega a família e a comunidade escolar como centro do diálogo

Q

uem passasse próximo à Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Barbosa Santos, no Fonseca, Niterói, estranharia o som do berimbau, característico do jogo da capoeira, fora do

mês de novembro, em geral dedicado aos projetos ligados às culturas africanas. Na realidade, a iniciativa aberta aos pais e responsáveis integrou a proposta de trabalhar o multiculturalismo no currículo escolar, mostrando que diferentes referências compõem o ser brasileiro. Na atividade promovida num sábado, o público animado se dividia entre a roda revezada por dois grupos e a oficina de turbantes.

“A proposta é questionar internamente o currículo escolar e empoderar as diferentes culturas que chegam à escola. Queremos dar oportunidade aos alunos de questionarem as relações de poder existentes no currículo, que impõe o padrão das classes dominantes e favorecidas, buscando mostrar que as diferentes referências trazidas pelos discentes são tão importantes quanto e precisam ser legitimadas”. Para a supervisora educacional Silvana Malheiro Gama, o multiculturalismo ajuda nesta abordagem cotidiana, do conhecimento que a escola vai construindo com os alunos.

Nesse sábado, por conta do agendamento determinado, acabou sendo privilegiada a cultura afro, mas a proposta é abarcar outros grupos, seus entrelaçamentos, como as referências nordestinas, muito presentes na realidade da escola, e sempre ao longo do ano, e não numa data específica. Para exemplificar a dinâmica, a diretora-geral Rozane Celeste da Silva Pereira citou o Dia do Índio, em que não trabalharam como uma data determinada. “Vamos falar do indígena o ano inteiro, amarrando outros conhecimentos, outras abordagens. Assim poderemos possibilitar o questionamento, envolvendo as diferentes culturas”.

O desenvolvimento desta metodologia vai ao encontro do que prevê a Lei 11.645/2008, que torna obrigatória a presença das culturas africanas e indígenas no currículo escolar da rede de ensino. E, nos murais, foi possível vislumbrar o processo de construção desta pauta junto às professoras



e seus alunos, sendo também acolhida pelos responsáveis.

A professora de Artes Aline Maia, ao apresentar a produção dos estudantes, falou sobre os conceitos trabalhados, como o respeito às diferenças e a importância de as incluirmos em nossas vidas. Este diálogo interno é o que nos faz crescer e amadurecer as relações interpessoais cotidianas de forma afetiva. E, para ilustrar esta reflexão, a professora mostrou o cartaz “1+1 é sempre + que 2, um somatório de identidades, de culturas, de diferenças a serem respeitadas num eterno diálogo”, ressaltando, nos desenhos feitos pelos alunos, as referências às crianças da escola que são portadoras de necessidades especiais.

Parceria e formação coletiva foram os conceitos citados por Maria das Graças Barbosa dos Santos, mãe da aluna Maysa, do 1º ano, ao elogiar as atividades, lembrando que a participação da família na escola através de atividades culturais era também um momento de aprendizado para toda a comunidade escolar, inclusive os pais. “A cultura é a ponte que possibilita o diálogo entre os valores diversificados. Inserir a família na escola só agrega, pois todos nós aprendemos. Na realidade, é uma formação coletiva muito prazerosa”, afirmou Maria das Graças, que, sem desmerecer as demais mães, tem como aditivo um outro olhar, o de educadora. Ela é professora do Ensino Fundamental e sabe a importância de se fomentar o diálogo e estabelecer esse tipo de parceria, pois, como ela mesma diz, todos são aprendizes.

De acordo com a diretora-geral Rozane, sua equipe buscou estabelecer uma relação dialógica entre



A proposta do projeto é questionar internamente o currículo escolar e empoderar as diferentes culturas que chegam à escola



Ao final da apresentação, Ana Paula produziu turbantes, em TNT colorido, num total de 20 cabeças, entre crianças, mães e professoras

os integrantes da comunidade escolar. “Todos ganham com isso, pois cada criança tem sua historicidade, sua bagagem cultural, e seus responsáveis podem propiciar ao coletivo ricos diálogos”. Nesta perspectiva, a direção da escola convidou a cabeleireira com especialização em entrelaçamento Ana Paula Gonçalves, mãe do aluno Kauê, para realizar uma oficina de turbantes e falar da importância deste adereço para as mulheres.

Esta foi a segunda experiência de Ana Paula na escola. A primeira foi em um evento alusivo ao Dia das Mães em que algumas mostraram seu talento. Com o convite para a atividade, a “mãe-profissional”, além de ensinar como fazer variados estilos de amarrados, explicou a relevância deste adereço como identidade cultural e também para a retomada da autoestima das mulheres em tratamento de câncer, que perderam os pelos do corpo com a terapia. Ainda na perspectiva da moldura do rosto feminino que auxilia na recuperação do “se ver bela”, Ana Paula citou a maquiagem. “Como maquiadora aprendi e entendi que é possível fazer desabrochar a beleza que todos temos”, afirmou. Ao final da apresentação, ela produziu turbantes, em TNT colorido, num total de 20 cabeças, entre crianças, mães e professoras.

Dois grupos de capoeira foram convidados para, além do encantamento do ritmo e comando do berimbau, trazer uma fala sobre esta cultura de resistência dos povos africanos no Brasil. Elizeu dos Santos Felipe, mestre Zezeu, disse que encontros na escola como aquele integram o projeto *Ginga Livre*, do Instituto Zezeu Capoeira Livre, que objetiva levar a cultura herdada dos ancestrais – capoeira, maculelê, samba de roda, puxado de roda – para o ambiente escolar. Após a exposição do jogo e das devidas explicações, os estudantes foram convidados a interagir e se conectar com a energia que estava na ambiência: foram para a roda gingar.

■ Por Sandra Martins

Escola Municipal Professora Maria de Lourdes Barbosa Santos

Rua Leite Ribeiro, 120 – Fonseca – Niterói/RJ

CEP: 24120-210

Tel.: (21) 3602-4150

E-mail: rozaneceu@gmail.com

Diretora-geral: Rozane Celeste da Silva Pereira

Fotos: Sandra Martins

Interdisciplinaridade

ESTUDAR O PASSADO DESCOBRIR NOVOS HORizontes



DO PARA IZONTES

Festival de Inverno possibilitou que alunos do Ensino Fundamental II aprendessem um pouco mais sobre a década de 1920



Assim como os artistas que organizaram a Semana de Arte Moderna, os educadores do Instituto Silveira Brito, ao idealizar o Festival de Inverno, tinham o propósito de romper com o paradigma de que somente a elite produz arte. Inseridos em uma comunidade da Baixada Fluminense, alunos e professores se inspiraram na “Semana de 22” para promover um evento que reuniu história, ciência e cultura. A ideia foi resgatar o que de mais importante aconteceu no período e valorizar os talentos que existem na comunidade escolar.

Quem levou a ideia do projeto para a escola foi o professor de Inglês Hélio Anderson dos Santos, que logo ganhou o apoio da direção e dos demais docentes. “A Semana de Arte Moderna rompeu com o paradigma de que arte só é produzida pela elite. Queria mostrar para os alunos uma realidade a que eles não têm acesso e por isso não sabem nem mesmo dizer se gostam ou não. O objetivo foi ampliar o horizonte do aluno”, explica Hélio.

O Festival de Inverno do Instituto primou pela interdisciplinaridade, e os professores de cada disciplina tiveram a possibilidade de selecionar um aspecto marcante da década de 1920 para abordar com os alunos. Outra característica das atividades preparadas para o Festival foi que os grupos de



Os alunos montaram uma tenda dedicada a explicações sobre as doenças que mais preocupavam a população, bem como a contribuição da ciência no desenvolvimento de antibióticos e vacinas

Houve alunos que optaram por pesquisar os jornais e revistas para identificar a forma como as palavras eram grafadas e outros que decidiram se juntar para montar uma sala de cinema e exibir um minidocumentário sobre a Semana de Arte Moderna.

trabalho mesclavam estudantes de diferentes séries. Dessa forma, uma mesma pesquisa ou apresentação artística contou com a participação de alunos de diferentes turmas do Ensino Fundamental II.

“Cada professor trabalhou com aproximadamente sete jovens de diferentes anos de escolaridade. Isso possibilitou que eles interagissem com outros colegas e de acordo com a habilidade de cada estudante. Fez também com que a escola se movimentasse mais”, avalia a coordenadora pedagógica Eliane Alves de Lima.

Ao formar grupos de acordo com as habilidades específicas de cada aluno, os professores conseguiram extrair o que de melhor cada estudante podia oferecer para o resultado positivo do projeto. Enquanto alguns apresentavam coreografias, músicas e figurinos da década de 1920, outros explicavam nas tendas montadas no pátio da escola os avanços na área de ciências. “Com o projeto nós descobrimos que todas as disciplinas são importantes e que áreas do conhecimento nos dão a possibilidade para pesquisar e descobrir coisas interessantes sobre aquele período”, ressalta Lohana Silva. A aluna, junto com Ana Beatriz e outras estudantes, montaram uma tenda onde ex-

O grupo foi formado por três alunos do 1º ano do Ensino Médio, Débora Moraes, Carlos Eduardo Verly e Eduardo Marfot

plicavam quais as doenças que mais preocupavam a população e a contribuição da ciência no desenvolvimento de antibióticos e vacinas.

Da mesma forma, outro grupo demonstrava objetos utilizados para a comunicação, como o telefone e a máquina de escrever. Houve alunos que optaram por pesquisar os jornais e revistas para identificar a forma como as palavras eram grafadas e outros que decidiram se juntar para montar uma sala de cinema e exibir um minidocumentário sobre a Semana de Arte Moderna. “Sugerimos o filme por ser uma possibilidade para o estudante comparar a tecnologia do passado com a que é utilizada atualmente na produção cinematográfica”, explica Adílio Rodrigues, professor de História. “É importante para a formação deles perceber o potencial do país tanto na arte quanto na ciência”, complementa o educador.

A Matemática também teve lugar de destaque no Festival de Inverno do Instituto Silveira Brito. Os alunos do professor Gilmar Ramalho foram encorajados a desenvolver obras para serem apreciadas pela comunidade escolar e os visitantes. Alguns jovens criaram desenhos abstratos, além de esculturas e



figuras geométricas, tudo inspirado em mestres consagrados. O professor apresentava o artista e sua obra, enquanto os estudantes criavam os rascunhos até a finalização do trabalho que seria exposto.

Para o professor Gilmar, o Festival foi uma oportunidade de os alunos conhecerem o que foi produzido, o pensamento e os costumes de uma década muito importante para a história do país. “Os estudantes puderam perceber as diferenças entre os séculos XX e XXI. Se todos os educadores trabalhassem dessa

forma, eles conseguiriam entender melhor o passado, observando o que possibilitou a construção do que temos atualmente”, opina o educador.

■ Por *Marcela Figueiredo*

Instituto Silveira Brito
Rodovia Presidente Dutra, 19.650
– Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26031-400
Tel.: (21) 2768-8834
E-mail: profhelio30@gmail.com
Fotos: Marcela Figueiredo



Entrevista

PROFESSORA DE FÍSICA PARTICIPA DO REVEZAMENTO DA TOCHA OLÍMPICA EM FRIBURGO

A série Cosmos, de Carl Sagan e Anna Druvan, lançada nos EUA, em 1980, inspirou uma geração de jovens em várias partes do mundo a se dedicar ao estudo de ciências. Foi o que ocorreu com Adriana Bernardes, natural da cidade fluminense de Três Rios, que ainda adolescente ficara fascinada por Astronomia e por Física, e que alguns anos depois, em 30 de julho, seria escolhida como “Servidora de Ouro” para participar do Revezamento da Tocha Olímpica Rio 2016, na cidade de Friburgo. A doutoranda em Física pela Universidade Federal Fluminense e professora de Ensino Médio da rede pública fala nesta entrevista sobre o prazer e a responsabilidade em divulgar a Astronomia e a Física por meio de projetos desenvolvidos junto às escolas e público em geral. Vários deles foram publicados na Revista Appai Educar.



Revista Appai Educar: Física e Astronomia. Como foi essa caminhada?

Adriana Bernardes: Nasci em Três Rios, no interior do estado. Estudei Física na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Em 2006, fundei o Clube de Astronomia Marcos Pontes. Ingressei no magistério em 1995. Em 2015, criamos o grupo de astronomia do Colégio Estadual Canadá (Gacec), em Nova Friburgo, com o objetivo de incentivar os jovens a despertar para essa ciência. Meu interesse veio desde a adolescência quando assistia a série Cosmos, de Carl Sagan, e fiquei fascinada por Astronomia e por Física. E no vestibular não deu outra: Física.

RAE: O ensino desta disciplina é um grande desafio numa sala de aula. Como lida com esta realidade?

AB: É um grande desafio! Ao longo dos anos o que fiz foi

tentar tornar a Física mais inclusiva. E fiz isso buscando contextualizá-la, mostrando como ela se apresenta no seu dia a dia. E uma das questões abordadas foi o desenvolvimento de recursos didáticos para alunos cegos e surdos, numa parceria com profissionais da sala de recursos. Vários trabalhos foram premiados, como o de “Melhor Projeto” da Feira de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro (Fecti), em 2006; o de “Melhor Projeto de Inovação” da Região Serrana, “Recursos Didáticos para Alunos Surdos”, em 2014, evento da UFF; e, novamente naquela universidade, o de melhor projeto de Ensino Médio “Herchel: do cientista ao telescópio”, em 2015; além de menções honrosas nos projetos “Das Cosmologias Antigas ao Universo Eterno” e “Cosmologia Pré-socrática”, em 2015. E, em 2010, tive a oportunidade de ser selecionada, em nível nacional, para fazer um curso no Cern – Organização

Europeia para a Pesquisa Nuclear, em Mayrin, Genebra, onde existe o maior acelerador de partículas do mundo.

RAE: Seus projetos já foram temas de reportagens da Revista Appai Educar. Qual o impacto gerado com essas matérias no campo profissional, nas pesquisas e junto aos alunos?

AB: É sempre muito bom que sejam publicadas na revista! Ocorre uma valorização da comunidade escolar



como um todo: direção, professor e alunos. Na verdade, para desenvolver tais projetos precisamos de todos. É importante destacar o trabalho, apresentando-o numa revista como a Educar, que trata em sua maioria de atividades desenvolvidas em instituições públicas, mostrando que lá são elaboradas contribuições relevantes e que envolvem toda a comunidade.

RAE: É possível que neste momento – ímpar, em sua vida pessoal e profissional – seja notada a importância da ação do professor na geração e aquisição de conhecimentos, motivando seu maior reconhecimento pela sociedade?

AB: Infelizmente os professores não são valorizados como deviam pela sociedade e acredito que um fator fundamental para que ele exerça seu papel transformador seja justamente receber esse reconhecimento. Terei a oportunidade de ser condutora da Tocha Olímpica tendo sido escolhida pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Além de mim, foram selecionados mais três docentes do estado. Foi uma escolha apertada, pois houve mais de 800 inscrições, e muita gente boa ficou de fora.



Cosmos – série de TV realizada por Carl Sagan e sua esposa Ann Druvan, produzida pela KCET e Carl Sagan Productions, em associação com a BBC e a Polytel International, veiculada em 1980 e exibida no Brasil em 1982. Os espectadores “embarcavam” na “espaçonave da imaginação” em uma viagem de 13 episódios pelo Universo, o alvorecer da Humanidade, a possibilidade de existência de inteligência extraterrestre, entre outros assuntos. O programa tornou-se um marco da divulgação da temática científica.

■ *Por Sandra Martins*

Colégio Estadual Canadá

Rua Jardel Holtz, s/nº Bairro Olaria –
Nova Friburgo/RJ

CEP: 28621-130

Tel.: (22) 3016-0180

E-mail: cecanada@hotmail.com

Entrevistada: Adriana Bernardes



Guia Histórico

MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE | Um canal de diálogo através de novas tecnologias

Desativado há seis anos, o Museu Histórico da Cidade, localizado no Parque Natural Municipal da Cidade, abre as portas para visitação. Criado em 1934 e transferido em 1941 para o bairro da Gávea, o prédio onde está instalado, com vista panorâmica da Zona Sul da cidade, foi erguido no século XIX e pertenceu ao Marquês de São Vicente e ao Conde de Santa Marinha.

O espaço guarda relíquias sobre a cidade do Rio de Janeiro que inclui mobiliário, numismática, armaria, esculturas, porcelanas, pinturas, gravuras e fotografias. Há obras de artistas consagrados como Visconti, Thomas Ender, Antonio Parreiras, Eduardo de Martino, Príncipe Adalberto da Prússia, Ignácio Zulloaga, Glaziou, Victor Meirelles, Augusto Malta e Marc Ferrez, além de acervo dos prefeitos Pereira Passos, Pedro Ernesto e Carlos Sampaio. A capela de São João Batista, dentro do parque, contém painéis do pintor baiano Carlos Bastos. No museu, que guarda parte importante da história da cidade, a exposição de reabertura é sobre o Cristo Redentor.

Atualmente, o Rio de Janeiro passa por transformações que interferem na vivência da

população e na relação com a memória urbana. Os museus do século XXI introduzem nos centros urbanos formas de pensamento e ações com base na participação, colaboração e inclusão do cidadão. Isso se reflete na mudança da tradicional configuração das paisagens dos museus (as coleções, o patrimônio cultural, o território) junto à população. Seu objetivo é compartilhar com o público um pouco da vida social e cultural do Rio de Janeiro, a partir de uma seleção do acervo do próprio museu. Além das informações na etiqueta de cada peça, você encontrará também biografias de artistas, curiosidades sobre os costumes e o desenvolvimento da cidade ao longo do tempo.

■ Colaboração: Richard Günter

Museu Histórico da Cidade

Estrada Santa Marinha, s/nº, Parque da Cidade – Gávea

Tel.: (21) 97532-4428

E-mail: mhcrj.culturario@gmail.com

Horário de visitação: Das 10 às 17h, de terça-feira a domingo, incluindo feriados (exceto Ano Novo, Carnaval, Sexta-Feira Santa e Natal).

Entrada gratuita



Opinião

Inverter a lógica aluno/professor

Andrea Gouvêa Vieira, jornalista.

Meses atrás, comentamos aqui as conclusões apresentadas em seminário na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, a respeito da contribuição da tecnologia para a melhoria na formação dos alunos e a ampliação do número de pessoas a serem educadas com ajuda das novas ferramentas disponíveis. Na ocasião, especialistas da Universidade de Stanford mostraram que o uso das ferramentas da tecnologia, por si só, não trazia resultados melhores do que os apresentados na formação tradicional, com a presença do professor na sala de aula. Simultaneamente, depoimentos como o do secretário de Educação do Amazonas encantaram a plateia, quando revelou como se tornou possível ensinar Física, Matemática e Ciências aos estudantes espalhados no vasto território amazônico via internet.

Enquanto o debate prossegue, em todo o mundo, sobre como melhor preparar os alunos para a vida, através da Educação, as empresas de tecnologia - a maioria delas através das fundações criadas pelos seus donos "trilhardários" - elevam o nível da competição por esse vasto mercado. Também falamos aqui sobre a experiência de Mark Zuckerberg, dono do Facebook, cujo investimento de 100 milhões de dólares na recuperação da rede de escolas públicas em Newark, no Estado de New Jersey, fracassou. Parte da frustração foi atribuída à tentativa de estabelecer um novo sistema de organização e avaliação de estudantes e professores de cima para baixo, sem discussão e participação dos interessados.

Mas Zuckerberg não desistiu. Esta semana, o New York Times relata que o Facebook e a Summit Public Schools, uma organização sem fins lucrativos com sede no Vale do Silício, planejam introduzir em 120 escolas um sistema de aprendizado em que os estudantes terão liberdade de escolher que projetos querem desenvolver e o tempo que pretendem dedicar a cada um deles. O

software dá aos estudantes uma visão completa de suas responsabilidades acadêmicas para o ano, por tema, e oferece módulos para que os estudantes decidam em que ritmo querem caminhar. Um estudante atuando num trabalho de Ciências, por exemplo, pode escolher criar um projeto usando vídeo, texto ou áudio. O objetivo é preparar melhor os estudantes para chegarem à universidade mais independentes.

Segundo o NYTimes, o sistema pretende inverter a tradicional hierarquia em que o professor lidera a turma e vai exigir que as escolas ofereçam atendimento intensivo aluno/professor e treinamento para que cada estudante se adapte ao sistema. Conforme relata o jornal norte-americano, "gigantes como Google e Microsoft já investiram muito em Educação, numa tentativa de construir lealdade à marca entre os estudantes logo cedo." *Google apps for Education*, um conjunto de produtos grátis que incluem Gmail e Google para compartilhamento de documentos, foi usado por mais de 60 milhões de professores e alunos. O Skype é usado nas salas de aula e a Amazon planeja introduzir o *Amazon Inspire*, um site onde professores podem compartilhar material didático.

Aqui no município do Rio foi oferecida uma ferramenta de nome Educopédia, de livre uso pelos professores na rede pública. No entanto, problemas de acesso à Internet, falta de espaço físico adequado e a ausência de envolvimento dos professores têm levado a sua baixa utilização nas salas de aula, de acordo com um relatório do Tribunal de Contas do Município. Tampouco há controle para avaliação do impacto no aprendizado das crianças. Os experimentos continuarão ao longo da década. Mas até agora, em todos os casos, a conclusão é de que a presença de um professor cada vez mais bem preparado, inclusive para entender e usar as novas ferramentas, é mesmo insubstituível na Educação.

WILLIAM SHAKESPEARE: SEU ALUNO CONHECE?

Maior escritor da língua inglesa é tema de Feira Literária em escola da Zona Oeste do Rio

Em 2016 comemoram-se 400 anos da morte de William Shakespeare, reconhecido como o maior dramaturgo de todos os tempos. Para homenageá-lo e possibilitar que os alunos tenham acesso à biografia e à obra do autor, os educadores da Sala de Leitura, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes da Escola Municipal Alba Cañizares do Nascimento organizaram uma Feira Literária em que ele é o tema principal. “O projeto tem o objetivo de proporcionar diferentes formas de leitura e fazer com que os estudantes conheçam o mundo literário. Este ano decidimos trabalhar com Shakespeare por causa do seu aniversário de morte e pelo que sua obra representa ainda na atualidade”, informa Cristiane do Couto, professora da Sala de Leitura.





O tema do projeto foi Shakespeare por causa do seu aniversário de morte e pelo que sua obra representa ainda na atualidade

Durante o bimestre, os alunos pesquisaram sobre a biografia e as obras do autor e desenvolveram trabalhos específicos para cada disciplina envolvida no projeto. Em Língua Portuguesa, por exemplo, os estudantes elaboraram um texto sobre uma de suas obras. Em Artes, algumas turmas analisaram os fatores estéticos e arquitetônicos do período em que as peças foram escritas, enquanto que outras turmas faziam a montagem de textos do dramaturgo. Na disciplina Língua Inglesa, os alunos fizeram a leitura de peças de teatro no idioma original dos textos, identificaram as palavras

cognatas, discutiram o que era possível ser interpretado para só depois fazerem a tradução.

Para a culminância do projeto e exposição durante a Feira, os estudantes prepararam cartazes, resenhas e maquetes, além de um vídeo onde eles próprios interpretam peças escritas pelo dramaturgo inglês há mais de 400 anos. “Não devemos deixar de trabalhar com os autores clássicos. Muitas vezes, a escola pública é vista como um prato raso, onde não se consegue abordar as grandes figuras da literatura. Nós temos que olhar para esses jovens e ter a certeza de que eles tam-



Para a exposição durante a Feira, os estudantes prepararam cartazes, resenhas e maquetes, além de um vídeo onde eles próprios interpretam peças escritas pelo dramaturgo inglês há mais de 400 anos

bém são capazes de estudar os maiores nomes e desenvolver bons trabalhos. Temos que olhar para os alunos da escola pública e esperar o melhor. Eles precisam saber o quanto o trabalho deles é importante”, declara Angélica Carvalho, docente de Língua Portuguesa.

Para a professora Cristiane, mesmo após 400 anos de morte, o conteúdo dos textos de Shakespeare continua sendo muito atual, por isso os docentes se identificam. “Nas obras são retratados temas que ultrapassam o tempo, como o amor, questões sociais e intrigas. O estilo é rico e por isso desperta o interesse dos alunos”, explica a educadora.

A escola possui aproximadamente 1.400 estudantes, e muitos deles nunca tinham ouvido falar

em William Shakespeare. Mesmo assim os professores não mediram esforços para fazer com que os educandos tivessem contato com a produção do autor. Nas turmas em que alunos de diferentes idades e séries estudam juntos, a professora Viviane Cavalcante aderiu também a recursos multimídia para mostrar um pouco sobre a história do teatro e a biografia de Shakespeare. “Acredito que devemos trabalhar a literatura ao mesmo tempo que ensinamos a língua. Os alunos passam a interagir mais, trocamos conhecimento e o professor também sai ganhando com isso”, afirma a educadora de Língua Inglesa.

Na mesma linha de pensamento está a professora de Teatro Sílvia Werneck. Para ela, os



... mesmo após 400 anos de morte, o conteúdo dos textos de Shakespeare continua sendo muito atual, por isso os docentes se identificam.

docentes não devem ter medo e desperdiçar a oportunidade de apresentar Shakespeare aos seus alunos. “As peças ainda são muito atuais. Requer um pouco de paciência e boa vontade do professor adaptar a linguagem sem assustar os estudantes, mas eles precisam ter a oportunidade de conhecer”, declara Sílvia.

Caso a direção da escola não abraçasse a ideia, os educadores poderiam ter dificuldades para fazer da atividade um sucesso. Felizmente, o projeto sobre os 400 anos de morte de Shakespeare teve total apoio da liderança escolar. “Precisamos fazer com que os alunos tenham acesso à cultura. Na Zona Oeste não há teatro e isso dificulta muito. Não devemos subestimar os estudantes, pois percebi uma familiaridade muito grande deles com os temas



Foram utilizados também outros recursos para mostrar um pouco sobre a história do teatro e a biografia de Shakespeare

trabalhados porque os textos ainda são atuais e continuam fazendo sentido hoje em dia. O resultado foi uma ótima surpresa e o apoio da direção foi fundamental para o sucesso do projeto”, declara Ariel Cohen, professor de Artes Visuais.

Material disponível para professores

O material didático “Shakespeare Vive nas Escolas” foi criado pelo British Council e pela Royal Shakespeare Company (RSC) para celebrar o aniversário de 400 anos da morte do dramaturgo em 2016. Pode ser

acessado na página da instituição: www.britishcouncil.org.br

Concurso cultural “Shakespeare Hoje”

A British Council também criou um concurso cultural do qual podem participar professores e alunos dos ensinos Fundamental e Médio. O docente que ficar em primeiro lugar ganha uma viagem para a Inglaterra com acompanhante, e os alunos, um vale-presente no valor de R\$ 1.000,00. Segundo e terceiro lugares também serão premiados. Para fazer a inscrição acesse: www.britishcouncil.org.br.

Leia Shakespeare

A obra de William Shakespeare está disponível para *download* gratuito no *site*: www.elivros-gratis.net/

■ Por *Marcela Figueiredo*

Escola Municipal Alba Cañizares do Nascimento
Rua Professor Souza Moreira, nº 301 – Inhoaíba – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23059-540
Tel.: (21) 3394-1892
E-mail: emnascimento@rioeduca.net
Fotos: Marcelo Ávila

A vibrant crowd of young people, mostly of African descent, is gathered outdoors. Many are holding large, colorful hula hoops in shades of blue, yellow, green, and red. They are looking towards the camera with various expressions of interest and focus. The background shows a blurred crowd and a building with a lattice facade.

Interdisciplinaridade

O ABRACO DAS NAÇÕES

Curiosidades culturais dos países que participaram dos Jogos Olímpicos abrem janela para a contextualização das muitas influências

Com o objetivo de mostrar aos alunos que através do esporte é possível superar as desigualdades e limitações, sem olhar a cor da pele, nacionalidade e impedimento físico, a Escola Municipal Janir Clementino Pereira, de Nova Iguaçu, mostrou o real sentido dos jogos olímpicos zelando pelo trabalho coletivo e inclusivo, valorizando o talento de cada estudante.

Entre apresentações musicais e exposições em estandes no evento “Olimpíadas no Janir”, as turmas produziram ações que contemplaram a realidade de diversos países. A criatividade foi o ponto forte da atividade, com a apresentação de maquetes que representavam as iguarias e curiosidades de países que participaram das Olimpíadas Rio 2016, como Cuba, EUA, Japão, China, Etiópia, Brasil, entre outros.

O objetivo do trabalho foi conduzir as produções com as diversas disciplinas do currículo escolar, como a da turma 803, responsável pela Etiópia. Os professores Margarete (Geografia) e Gabriel (Artes) propuseram aos alunos uma grande oportunidade de explanar o que há de mais bonito no país, através de gravuras, pinturas e uma apresentação musical com dança popular da região.

Entre apresentações musicais e exposições em estandes, as turmas produziram ações que contemplaram a realidade de diversos países



Um dos desafios é a manutenção de uma boa relação entre os professores regentes e o da sala de recursos, importante parceria para que a inclusão se dê numa perspectiva de qualidade na educação no caso do aluno com necessidades especiais.

A escola possui a disciplina chamada ILPT, sigla de Incentivo à Leitura e Produção Textual, lecionada pela professora Raquel. Na oportunidade, uniu-se à educadora Thais, da disciplina de Ciências, para compor o estande sobre a cultura japonesa. Bandeira da terra do sol nascente, pé de bonsai, miniatura de gueixa, utensílios de cozinha e comida típica aguçaram a curiosidade de quem apreciava a arte produzida pelos alunos.

A ideia de inovação nos trabalhos ligados às Olimpíadas, sem destacar as modalidades esportivas mas sim a cultura dos países envolvidos, partiu do corpo docente. De acordo com a coordenadora pedagógica do projeto, Hilda Santos, os alunos entraram na proposta através de pesquisas, abrindo um leque de possibilidades, como a produção desenvolvida pela turma 904, que mostrou em seu estande o lado político de Cuba. Já a turma 604, sob a orientação das professoras Talita (História), Sandra (Ciências) e Ana Paula (Português), produziu de forma lúdica a cultura dos Estados Unidos, mostrando a atual influência que esse país exerce no mundo, através dos produtos mais populares, como Barbie, McDonalds, Coca-Cola, Óreo e Elma Chips.

Quando o assunto foi Brasil, uma série de apresentações artísticas tomou conta do palco da escola, representando as modalidades esportivas em destaque no país, com músicas que





Cada turma representou de forma lúdica a cultura do país trabalhado. A 604, por exemplo, falou sobre os Estados Unidos, mostrando a atual influência que esse país exerce no mundo, através de seus produtos mais populares



remetem à nossa tradição, como “Brasileirinha”, além de voltar no tempo e recuperar personagens da época da escravidão, como a “Baronesa” e os cativos que praticavam a capoeira.

Para Hilda Santos o projeto é considerado de grande valia. “Conhecer outras culturas fez com que eles percebessem que nós brasileiros somos um povo que desde a época da colonização sempre recebeu diferentes imigrantes e que isso traz uma influência real a nossa civilização”, enaltece a coordenadora. Hilda ainda acredita que, após o trabalho realizado na escola, os alunos terão outra visão ao assistirem os jogos olímpicos pela televisão. Para Amanda Pereira, aluna da sexta série, o projeto fez com que ela descobrisse uma outra



realidade sobre a globalização. “Eu não sabia que tantas coisas que consumimos tinha origem norte-americana. É surreal como o país tem dominado a terra”, enfatiza a estudante.

Falar de outras culturas para os alunos é abrir a janela para o mundo, pois isso faz com que seja aguçado o interesse do estudante em conhecer outros países. Conseqüentemente, traz o impulso pela pesquisa, pela leitura, a busca pela origem histórica. “Eu mesma presenciei isso conversando e relatando fatos para alguns estudantes. Sem contar que dentro deste contexto não só incluímos o tema olímpico, mas a questão de valores como união, amizade e solidariedade, que formam o verdadeiro espírito olímpico”, ratifica Hilda Santos.

■ Colaboração: *Richard Günter*

Escola Municipal Janir Clementino Pereira

Rua Professor Eryel Huaick Dapieve, 66 – Miguel Couto – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26070-437

Tel.: (21) 2886-2260

E-mail: em.janirclementinopereira@gmail.com

Coordenadora pedagógica: Hilda Santos

Fotos: Comunicação

MAPA SONORO



A escuta como ferramenta de leitura, reconhecimento e interação com o espaço escolar

O que ouvimos enquanto andamos pela escola? Quais são os sons que estão a nossa volta enquanto brincamos? Somos capazes de reconhecer um lugar utilizando somente a escuta? Quais os registros sonoros que guardamos pelos lugares por que passamos? Com esses questionamentos a professora de Música Monique Desidério desenvolveu um projeto com as crianças da unidade de Educação Infantil da Escola Parque, localizada na Barra da Tijuca.

Em 2015, a instituição cresceu. Foi para um espaço bem maior, dedicado exclusivamente à Educação Infantil, onde o número de salas aumentou e o tamanho de todo o espaço externo dobrou. Com isso, a equipe docente percebeu que, com a alegria da descoberta e adaptação neste novo espaço, veio também uma novidade: o barulho. “Mas toda escola é feita de barulho! Por que a estranheza? Porque era muito barulho! E o muito foi tanto que começou a incomodar as crianças e os professores. Todos percebemos que precisávamos falar muito alto para sermos ouvidos. Havia uma grande massa sonora naquele lugar. As crianças reclamavam de dores na cabeça, no ouvido e na garganta. Muitos professores estavam com problemas na voz com menos de um mês do início das atividades”, lembra Monique.



Os pequenos participaram de exercícios de ampliação da escuta, na tentativa de perceber e qualificar os sons

Com isso veio a ideia de criar um projeto, durante as aulas de Música, cujo objetivo fosse sensibilizar a escuta como ferramenta de leitura, compreensão e interação com o mundo e identificar possíveis paisagens sonoras dentro do espaço escolar. Além disso, produzir um mapa sonoro, identificando os sons encontrados no ambiente. “Buscamos também produzir material para possíveis intervenções sonoras e para conscientização da comunidade escolar com dicas de como podemos evitar que a massa de ruídos cresça”, completa a educadora.

Para melhor execução e aproveitamento, a professora dividiu o projeto em algumas atividades:

Caminhada Sonora: uma aula descoberta

A ideia surgiu a partir do estranhamento das crianças e dos professores em relação ao esforço

que todos faziam para serem ouvidos pelo grupo, dentro de sala e nos espaços externos. Eles começaram com alguns exercícios, na roda de conversa: “Respire fundo. Acalme o corpo. Vamos deixar a nossa boca descansando um pouco. Abra bem os ouvidos. Escute. Quais sons você consegue ouvir dentro desta sala? Quais os que você mais gosta? Quais te incomodam? Quais os mais fortes? E os mais fracos?”.

Os exercícios de ampliação da escuta, na tentativa de perceber e qualificar os sons, naquele momento, respondiam a grande parte dessas questões. Havia muito barulho. As crianças apontavam para o ar-condicionado, para as cadeiras que a professora arrastava no chão enquanto organizava a sala, para as salas do lado, para o pátio interno.

A proposta era sair da classe, caminhar pela escola e ouvir. Somente e simplesmente ouvir. Escutar o que está a nossa volta, todos os tipos de sons possíveis. Sem interrupções, sem mediações

ou maiores reflexões. Todos os comentários e observações ficariam para discussão na roda, no retorno para a sala de aula.

Na volta para o ambiente original, eles perceberam que precisavam identificar os espaços da escola, através de um mapa onde pudessem marcar os sons que encontravam em cada ponto. Os maiores ficariam responsáveis, além do registro gráfico das observações sonoras, pelo desenho da planta baixa da escola, primeiro e segundo pavimentos, salas de aula e espaços externos.

A professora propôs também um exercício de fortalecimento da memória sonora através da reprodução dos barulhos ouvidos, usando a voz, o corpo e os objetos da sala de aula. Eles sentaram em pequenos grupos para a representação gráfica desses sons e combinaram que

os registros seriam feitos em pedaços de papel, para que pudessem prendê-los no mapa depois. Pequenos desenhos simbolizando os sons identificados.

Com o título de “Mapa Sonoro: os sons da nossa escola”, eles colocaram no mural de música, no corredor da escola. Dessa forma, todos poderiam ver o que eles descobriram. “De tempos em tempos o revisitávamos. Talvez não precisássemos, naquele momento, de maiores intervenções no ambiente. A escuta estava definitivamente ampliada. A consciência espacial, em todas as suas nuances, estava garantida. Este novo espaço a esta altura já era uma escola. A nossa nova escola. E não há nada que traga mais vida aos ouvidos que o som de uma criança brincando, cantando para pular corda ou eufórica comemorando uma incrível

descoberta. Finalizamos o processo com a escuta ampliada, reconhecimento e apropriação do espaço físico, conscientes de que precisávamos cuidar do nosso ambiente sonoro medindo nossos próprios barulhos, num esforço constante de colocarmos em prática as sugestões trazidas nas rodas de reflexão”, garante Monique.

Uma nova caminhada: revisitando os espaços

No início do ano, com o retorno das aulas, os educadores se depararam com um desafio bem parecido com o do ano anterior: barulhos em excesso geravam ainda mais ruídos prejudicando a saúde vocal, auditiva e a qualidade dos espaços. “Retomamos a



Eles sentaram em pequenos grupos para a representação gráfica desses sons feitos em pedaços de papel, para que pudessem prendê-los no mapa depois

ideia das caminhadas sonoras e mapeamento de locais, garantindo a consciência do ambiente físico e sonoro, ampliando ainda mais a discussão e as possibilidades de intervenção. Revisitamos os espaços da escola, em silêncio, com os ouvidos bem abertos, e agora com o uso de um gravador de voz e uma câmera fotográfica para garantirmos o registro e armazenamento dos barulhos e memória visual do que encontrávamos. Novos registros, mesmos espaços”, relata Monique.

Com isso, a equipe refez o mapa e nas rodas de conversa algumas medidas também foram sugeridas: “e se produzirmos placas e prendermos nos espaços, lembrando as pessoas de não gritarem e falarem em tom médio?”. Com isso, eles aumentariam a visibilidade dos resultados numa exposição maior, na entrada da escola, e estabeleceriam novas metas para tentar diminuir o barulho. “Pequenas mudanças como levantar sempre o dedo na roda para pedir a palavra, respeitar a voz e a fala do amigo em silêncio, falar sempre em tom médio, não bater a porta da sala, não arrastar cadeiras e mesas, evitar chamar o amigo que está longe, gritando”, enumera a educadora.

Resultados Obtidos

Segundo Monique nas duas experiências, tanto em 2015 como neste ano, o mapa foi exposto e apresentado na escola para toda a comunidade de pais, alunos e funcionários. Assim poderiam ver o resultado desta investigação sonora abrin-



Com a finalização dos desenhos, eles montaram um mapa sonoro, que fez com que a escuta fosse ampliada e houvesse um reconhecimento do espaço escolar

do novos espaços para a reflexão da comunidade escolar.

Toda essa experiência fez com que a escuta fosse ampliada, houvesse um reconhecimento e apropriação do espaço escolar e consciência da responsabilidade e cuidado com o ambiente sonoro da escola e seu entorno. Aleksandra Silva, professora do 1º ano, ressalta que o trabalho foi muito significativo para as crianças. “Não era raro, depois dessa experiência, vê-las andando e explorando os espaços da escola, em busca da produção de diferentes sons. Em parceria com o trabalho de música, pudemos abordar a percepção dos sons e ruídos existentes em toda a instituição, responsabilizando e empoderando as crianças como autoras e produtoras, sendo atuantes no que diz respeito ao uso dos espaços comuns e compreensão dos efeitos que produzem. Dessa forma, eles passaram a perceber claramente quando a ‘bola de barulho’ está muito grande, ou o quanto muita conversa no

corredor pode prejudicar outros grupos, por exemplo”, explica a educadora.

Mônica Aida, também professora do 1º ano, conta que, durante o projeto, as crianças tiveram a oportunidade de aguçar o sentido da audição, atentando para os diversos sons produzidos na escola. “Ao longo do processo elas foram capazes de se sensibilizar durante a busca dos barulhos, ao mesmo tempo em que se sentiram parte da produção de alguns deles. Perceber-se parte de um todo e ter consciência da sua importância na construção de um ambiente saudável foram alguns dos resultados desse excelente trabalho”, finaliza.

■ Por Jessica Almeida

Escola Parque – Barra Infantil

Rua Sylvio da Rocha Pollis, 430
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/
RJ

CEP: 22793-395

Tel.: (21) 3388-3350

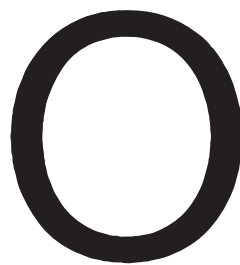
Site: www.escolaparque.g12.br
Fotos cedidas pela escola

Letramento

É MUITO MAIS DO QUE SABER LER



O papel da escola, a responsabilidade dos pais e professores no processo de transformar as crianças em indivíduos alfabetizados e letrados



Letramento é uma etapa extremamente importante na vida das crianças. Afinal, letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Uma criança alfabetizada é uma pessoa que sabe ler e escrever. Uma criança

letrada é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos.

Sabendo disso, a Creche Municipal Yara Amaral, localizada em Anchieta, criou um projeto cujo objetivo é desenvolver a identidade através do letramento. Além disso, possibilitar a construção da identidade e da autonomia através da interação e das trocas simbólicas que permeiam o universo infantil, utilizando o lúdico e o imaginário a serviço da formação da criança em suas dimensões socioafetiva, psicomotora e cognitiva.

O projeto, desenvolvido com os pequenos do maternal II, contou com a colaboração das diretoras Marilene Rangel e Rosângela Moutela, da professora Cláudia Alice Suhett Pereira e dos agentes de educação infantil Alcina Tito e Virgínia Reis. Para melhor execução e aproveitamento do projeto, ele foi dividido em três etapas:



1ª etapa

Distribuir as letras iniciais do nome de cada criança, pintar e enfeitar. Depois colar no papelão, recortar e realizar diversas brincadeiras possibilitando o conhecimento e reconhecimento da letra inicial do próprio nome e dos demais alunos.



2ª etapa

Desenhar a letra inicial do nome dos alunos em um tecido que depois se tornaria um chaveiro (cada letra em um pedaço de tecido retangular, somando-se um total de 27 partes). Em seguida, realizar a pintura da cor escolhida por eles, fechar o tecido e costurar na máquina, a partir daí fazendo o enchimento com plumante, para na sequência montar os chaveiros.



3ª etapa

Colocar os chaveiros em um cesto e cada aluno deve reconhecer o seu. Finalizando a atividade, a turma deve pendurar os chaveiros em cada mochila de acordo com seu respectivo dono.



Depois de finalizar os chaveiros, os pequenos deveriam reconhecer o seu, através da inicial do nome

A professora conta que o trabalho foi enriquecedor e significativo. “Nos possibilitou observar a participação e o interesse das crianças. A descoberta de si e do outro através das interações envolvendo a turma e as educadoras”, conta Cláudia. Lembrando que é preciso que os pais compreendam que a criança, antes mesmo de aprender a ler, possui uma antecipação de seu letramento e alfabetização, isso se ela estiver dentro de um contexto social onde a leitura e a escrita façam parte de seu convívio.

Um exemplo disso é quando uma criança ainda não está na escola, mas seu pai ou mãe lê para ela. Com isso, os pequenos já conseguem distinguir que há códigos ali e que eles guardam algum significado na forma escrita, representam objetos etc.

Então, podemos dizer que essa criança possui fundamentos de compreensão, já que pode relacionar a escrita ao objeto por ela denominado. É nesse sentido que podemos dizer que, apesar de não alfabetizada, ela já é letrada, pois já está inserida em práticas sociais de leitura, mesmo não sendo capaz ainda de dominar o alfabeto.

■ Por *Jéssica Almeida*

Creche Municipal Yara Amaral

Rua João Alfredo de Freitas s/nº – Vila Papavento – Anchieta – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21655-430

Tel.: (21) 3358-3028

E-mail: cmyamaral@rioeduca.net

Fotos cedidas pela escola





Orientação Educacional

PRONTOS PARA O MERCADO

Anualmente, alunos da Faetec Paiol, em Nilópolis, promovem uma mostra pedagógica com o objetivo de apresentar o trabalho realizado na instituição. Este ano, o evento marcou as comemorações dos quatro anos de fundação da escola. Na unidade funciona um Centro Vocacional Tecnológico (CVT), cujo objetivo é qualificar jovens e adultos para o mercado de trabalho. São oferecidos 23 cursos de capacitação profissional com duração de 10 e 20 semanas. São os chamados FIC. A unidade dispõe ainda de cursos técnicos pós-Médio de Modelagem e de Informática, com duração de 1 ano e meio, além de Inglês e Espanhol, que atingem 2 anos, e uma turma de Informática pelo Pronatec, em que o aluno estuda o técnico concomitantemente ao Ensino Médio.

O gestor da unidade, professor Jurupitan Roberto Blasquez, lembra que a escola foi criada já pensando em atender à demanda da Copa do Mundo e da Olimpíada. “Muitos empresários recorreram à nossa instituição em busca de mão de obra qualificada. E nós fazemos esse papel com excelência”, afirma. Nesses quatro anos de atividades, a Faetec Paiol já formou



O objetivo da mostra pedagógica é qualificar jovens e adultos para o mercado de trabalho

mais de quatro mil alunos. Além de Jurupitan, todo o funcionamento do CVT também é acompanhado de perto pela cogestora Adriana Moraes Vencioneck. Os dois se orgulham de conseguir, apesar do grande número de estudantes, manter todas as instalações e equipamentos funcionando em perfeitas condições. “Faço questão de receber os alunos novos e, na aula inaugural de cada curso, falo de tudo que temos a oferecer. São atividades que representam a oportunidade de transformar profissionalmente a vida de cada um deles. Muitos dos nossos ex-alunos abrem seu próprio negócio e outros já saem daqui com a oportunidade de trabalho garantida. Mas aqui eles seguem regras, e o resultado é não termos cadeiras ou qualquer outro equipamento quebrado ou pichado. A limpeza e a organização são fundamentais”, revela Jurupitan. E completa: “Aqui não só ensinamos a parte profissional como também doutrinamos o nosso aluno a saber se portar na empresa onde vai trabalhar e o caminho para obter sucesso”.

Durante a Mostra Pedagógica, as turmas de cada curso apresentaram aos visitantes um pouco do que aprenderam. Ester Santos, aluna do curso de camareira, e Marcos Souza, que se prepara para ser recepcionista, juntamente com seus colegas de turma, fizeram uma simulação de como deve ser feito o atendimento em um hotel cinco estrelas. Durante a apresentação, os visitantes faziam o papel de hóspedes. A professora Edileuza Kleinau comemora o bom desempenho dos alunos: “Como instrutora, me sinto feliz. Estou na escola desde a inauguração capacitando pessoas, muitas até com mais de 40 anos de idade. Elas chegam sem expectativa e saem transformadas”, conta.

O aluno Ramon Vieira está completando o curso de cozinheiro. Ele já trabalha como merendeiro de uma escola da prefeitura de Mesquita e foi convocado para uma oportunidade de trabalho durante os jogos olímpicos. Ele pretende fazer outros cursos. “Ao entrarmos na escola dá vontade de sempre aprender mais”, garante. A aluna Denise Salandra que o diga. Ela está concluindo o 16º curso na unidade e não quer parar. “Estou nas últimas semanas de modelagem industrial e já estou pedindo para o diretor criar coisas novas”, brinca. Na mostra, a turma abriu a sala ateliê para mostrar aos visitantes as etapas do aprendizado. “Em 20 semanas, os alunos aprendem noções do desenvolvimento de uma modelagem de roupa”, explica o professor Marcelo Figueiredo. A estudante Michele Ferreira está finalizando o curso de costura que, segundo ela, está superando as expectativas. “Nós não sabíamos nem mexer numa máquina ou mesmo passar uma linha. Agora já estamos costurando peças. Estamos saindo daqui prontas para encarar desafios, cada uma seguindo o seu caminho, pois tem espaço para todas”, declara com satisfação.

Os alunos de Refrigeração, com o professor André Santos, também apresentaram à comunidade um pouco do que aprenderam, mostrando que todos estão preparados para o mercado. “A nossa proposta é ir além do básico, chegando a um nível mais avançado, pois sabemos que para profissionais mais qualificados não há crise”, aposta. A turma do curso de montagem e manutenção de computadores mostrou aos visitantes a evolução dos micros e dos seus componentes. Já a turma da professora Adriana



São oferecidos 23 cursos de capacitação profissional, dentre eles os de Modelagem, Informática, Inglês e Espanhol

Santana, do básico de confeitaria, deixou o público com água na boca, mostrando o que aprendeu no segmento de massas, cremes e recheios. “Muitos alunos chegam aqui com objetivos e muitos deles já abriram seu próprio negócio”, festeja a docente. Simultaneamente, os alunos dos instrutores Asael Diniz e Aguilar Filho mostraram um pouco da prática de um bom garçom e de *bartender*.

Os alunos do técnico pós-médio em Informática foram outra atração da mostra. Enquanto a turma do Info 1 demonstrou programas desenvolvidos para atividades em segmentos profissionais – como locadora, autopeças e *delicatessen* –, os alunos do segundo e do terceiro períodos abordaram os hologramas, uma técnica que pode gerar imagens tridimensionais. Leonardo Massoto, aluno do Info 3, juntamente com o grupo, conseguiu fazer uma pesquisa sobre empresas que estão desenvolvendo a aplicação de recursos holográficos em celulares. “A partir dessa busca, conseguimos montar um protótipo desse novo conceito”, conta. O professor Adalmir D’Aguila comemora o desempenho dos estudantes. “Eu costumo falar para eles que a instituição tem um diferencial muito grande em relação às demais escolas técnicas de informática, que é a nossa grade curricular. Hoje, a maioria delas escolhe apenas um determinado segmento. No nosso caso, atendemos a todas as demandas do mercado de trabalho. O aluno tem aula de programação, *web*, *hardware*, banco de dados e análise. Com isso, ele sai com conhecimento de todas essas áreas, escolhe aquela com a qual mais se identifica e segue o seu caminho profissional”, aponta.



Na mostra, a turma abriu a sala ateliê para expor aos visitantes as etapas do aprendizado



As turmas de cada curso também apresentaram aos visitantes um pouco do que aprenderam

Os alunos do Pronatec também embarcaram nessa tecnologia, preparando para os visitantes um ambiente repleto de surpresas holográficas. “A mostra é uma forma dos estudantes se expressarem para a comunidade e tem aspectos muito positivos, como a relação interdisciplinar e a possibilidade de intercâmbio entre os demais cursos que a escola oferece. Todos integrados numa mesma ação”, completa Marcia Cristina Ferreira, coordenadora pedagógica do Pronatec na escola.

A mostra contou ainda com a apresentação de um desfile de modas protagonizado por alunos e ex-alunos. Ao final do evento, o professor Jurupitan comemorou o sucesso obtido por toda a equipe escolar. “Eu me sinto premiado, pois tenho 40 anos de magistério. Estou praticamente encerrando minha carreira e vir trabalhar nessa unidade é, sem dúvida, um coroamento por todos esses anos de dedicação ao ensino”, finaliza.

■ Por Tony Carvalho

Faetec CVT Paiol

Rua General Olímpio da Fonseca, s/nº, Paiol – Nilópolis/RJ

CEP: 26545-470

Tel.: (21) 2691-9015

E-mail: cvtnilopolis@yahoo.com.br

Diretor: Jurupitan Roberto Blasquez

Fotos: Tony Carvalho

Orientação Pedagógica

CINEMA EM AMBIENTES PEDAGÓGICOS TEM AUDIÊNCIA?

Saiba como realizar atividade prática audiovisual agregando debate educativo à realidade dos alunos

A produção cinematográfica, além de ser um gostoso entretenimento, é um recurso didático que motiva e possibilita a análise, o debate e a reflexão sobre problemas de diferentes naturezas: social, histórica, ambiental, política, entre outros. Em tempos de YouTube, o uso de vídeos em sala de aula não chega a ser recebido pelos alunos com a mesma expectativa que provocava em turmas de décadas passadas. A abundância de opções à disposição dos estudantes, pelo contrário, exige um apurado senso crítico do professor, que deve pensar não só na qualidade das imagens, mas se o vídeo escolhido é mesmo relevante para a aprendizagem ou se apenas oferece diversão. O cinema, como qualquer outra manifestação cultural, pode e deve estar presente nas atividades curriculares, pois a partir dele há uma gama de assuntos que podem ser discutidos de maneira coletiva.

É preciso, portanto, enxergar o vídeo como um novo elemento, que exige um novo olhar. Uma vez que se trata de uma linguagem diferenciada daquela que aparece nos livros, as estratégias pedagógicas devem ser pensadas de outro modo. Um aspecto importante a ser considerado é que o vídeo não substitui outros recursos, na verdade os complementa e se integra a eles.

As possibilidades de trabalho são muitas, em todos os níveis e modalidades de ensino. O fundamental, em todo o processo educativo, é o uso intencional dos recursos disponíveis, ou seja, utilizar materiais de maneira integrada ao planejamento didático, tendo como objetivo a aprendizagem do aluno. Seja em aulas do ensino Fundamental ou do Médio, o vídeo pode ser uma ferramenta importante e produtiva, desde que seu uso seja planejado. Mas, antes de enveredar pelo caminho da produção, é preciso analisar o que já temos no mercado, desde sua temática até a filmagem, fotografia, diálogos e objetivo.



Analizando uma obra

Uma obra de arte possibilita muitas leituras e interpretações. É muito positivo que se crie um grupo de educadores de uma mesma escola que queira trabalhar com esse filme de forma interdisciplinar. Depois que todos conhecerem o conteúdo, um debate enriquecerá as muitas leituras e abordagens, uma vez que cada um formará um olhar a partir da sua visão de mundo e do seu campo de estudo. Se não for possível na escola o trabalho interdisciplinar, não desanime, professor! O fato de você se entusiasmar com o uso de um filme já é um grande passo. O debate pode ser realizado com outras pessoas amigas. A troca de opiniões sobre uma mesma obra o deixará mais preparado para, depois, promover uma discussão com seus alunos.

As crianças e jovens estão muito envolvidos com a linguagem audiovisual, mas ela não é uma inimiga da escrita. Ao contrário, produzir um texto sobre o filme pode ser um grande estímulo. Porém, é interessante um debate antes de se pedir uma produção textual, pois as trocas de opiniões ajudam a estruturar a visão sobre o filme.

Além da produção de texto, você pode criar várias dinâmicas de acordo com a faixa etária, que permitem que os alunos exponham seus conhecimentos em relação ao filme (mesmo que não tenham gostado), como: recriar alguma cena explorando outras linguagens artísticas (dança, teatro, artes visuais, música etc.), buscar livros e sites relacionados ao tema, pesquisar fotos e ler críticas especializadas. Enfim, um filme possibilita uma série de desdobramentos interessantes e divertidos. A seguir, três dicas de produções audiovisuais que têm como pano de fundo o Brasil para que você possa realizar atividades com seus alunos.



Rio

Gênero: Animação | Direção: Carlos Saldanha | País e ano de produção: EUA/Brasil/2011 | Duração: 96 minutos | Obs.: Para o Ensino Fundamental I

Sinopse: Blu e Jade são as duas últimas araras-azuis do planeta, mas não se conhecem. Blu mora em uma livraria em Minnesota, EUA, e Jade, em uma floresta no Rio de Janeiro. Elas precisam se encontrar, acasalar e se reproduzir para salvar a espécie. Muitas serão as dificuldades que enfrentarão, por conta de suas diferenças, porém o pior que lhes acontece é o sequestro por traficantes de animais. Acorrentados um ao outro, terão que encontrar soluções para a fuga, sendo que Blu nem mesmo sabe voar. Toda essa aventura acontece no lindo cenário do Rio de Janeiro, em pleno



The Kid (O Garoto) é um filme mudo estadunidense lançado em 1921, do gênero comédia dramática dirigido e estrelado por Charles Chaplin

carnaval. Uma história de superação dos limites e das diferenças, em nome do amor e da sustentabilidade.

Sugestões de debates:

Consciência ambiental

- Por muitos séculos, a humanidade se desenvolveu sem se dar conta da destruição do planeta, da fauna e da flora que nos cerca. A escola ocupa um lugar central da disseminação da consciência ambiental e da cidadania planetária, isto é, a responsabilidade de deixarmos um planeta habitável para as gerações futuras. Rio aborda alguns dos aspectos que fazem parte da luta pela vitalidade da Terra, como a preservação de algumas espécies ameaçadas de extinção e denúncia do tráfico de animais. Esses são temas interdisciplinares, mas os professores de ciências também podem aproveitar o filme para discutir reprodução das aves e classificação dos animais.

Diversidade

- Nossos protagonistas precisam superar muitas dificuldades, desde as internas (o medo de voar e de se arriscar) até as externas (perigos, diferenças). O que permite a superação dos obstáculos é a aceitação da diversidade, natural entre os animais.
- As diferenças de “criação” entre Blu e Jade acabam se tornando complemento, em vez de obstáculos. Jade tem habilidades para o voo, para sobreviver nas matas, o que a torna mais flexível e “esperta” para enfrentar perigos. Mas Blu,

considerado inapto na floresta, desenvolveu conhecimento intelectual, sabe fazer cálculos para o voo (o que sempre é útil) e encontra soluções interessantes para combater os bandidos.

- Como a escola está lidando com as diversas habilidades de seus alunos? Um grupo pode descobrir suas diferenças e somá-las para resolver determinado problema.

Imagem do Brasil

- Rio é uma animação dirigida por um carioca nos EUA, que tem conduzido uma carreira internacional. É interessante pensar como o cinema permite a troca de informações sobre países e povos distantes. Não é raro que nosso conhecimento sobre a cultura de um determinado país nos chegue através de filmes.
- E como os outros povos nos enxergam? Como ocorre a representação do Brasil no filme Rio? O filme reforça o estereótipo do país do carnaval, samba, futebol e mulheres sensuais? Como os traficantes são apresentados? Muitas crianças, como o garoto Fernando, são envolvidas ingenuamente no comércio ilegal (de animais, drogas, armas), o que gera um bom debate.
- O Rio de Janeiro é uma linda cidade, mas também atravessada por problemas e desigualdades sociais. Será que não construímos também uma visão idealizada e estereotipada de outros países e povos?

Uma história de amor e fúria

Gênero: Animação/Aventura | Direção: Luiz Bolognesi | País e ano de produção: Brasil/2007 | Duração: 80 minutos | Obs.: Para o Ensino Fundamental II

Sinopse: Na animação dirigida por Luiz Bolognesi, há uma história de amor entre um herói imortal e Janaína, a mu-



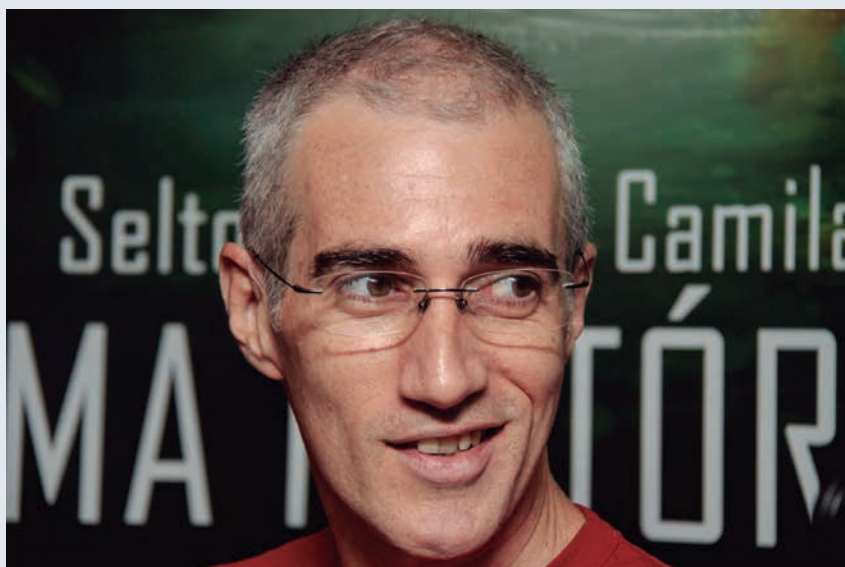
lher por quem é apaixonado há 600 anos. O herói assume vários personagens, mas seu espírito de luta permanece o mesmo, especialmente porque seu amor o alimenta.

O filme aborda 4 episódios de momentos diferentes da História do Brasil, contados a partir do ponto de vista dos vencidos. Três deles são reais: a guerra entre Tupiniquins e Tupinambás, no início da colonização portuguesa, em 1565; a revolta ocorrida no Maranhão, conhecida como Balaia-da, em 1825, e a guerrilha urbana, no período da ditadura militar, em 1968. O quarto episódio é uma projeção do futuro, em 2096.

Com base na mitologia indígena, o herói foi

ensino de História mais tradicional, com o apoio dos livros didáticos, trazia uma narrativa muito voltada para datas e heróis vencedores. É interessante aproveitar o filme para polemizar sobre quem eram os vencidos dessas guerras e por que eles não estão representados nos documentos oficiais, monumentos, nomes das ruas e praças de nossa cidade.

- Embora a História seja o campo de estudo que mais dialoga com o filme, as questões essenciais (a violência, o preconceito, a participação política, o conceito de cidadania) são temas que atravessam toda a produção do conhecimento. É perfeitamente possível e recomendável um projeto interdisciplinar com o filme.



Luiz Bolognesi é um roteirista, produtor e diretor de cinema brasileiro. Formado em jornalismo pela PUC São Paulo, Luiz Bolognesi foi redator do jornal Folha de S. Paulo e da Rede Globo

escolhido para ser imortal e lutar eternamente contra Anhangá, o signo da morte e da destruição. Janaína morre e renasce em cada episódio. O filme mostra a violência que se tornou intrínseca na sociedade brasileira, mas também o amor que mantém acesa a chama da luta política e o desejo de transformação.

Sugestões de debates:

Um outro viés da história do Brasil

- O filme traz um rápido panorama da história do Brasil com foco na violência que sempre permeou as relações de trabalho, de gênero, de poder político, resultando em um cotidiano de violência. O

Opressão e resistência

- O grande antagonista é Anhangá, uma espécie de deus indígena, o senhor dos mortos. No filme, ele é o opressor em todas as fases da História do Brasil.
- Quando Abeguar é assassinado, transforma-se em um pássaro e passa a representar a resistência dos oprimidos em todos os episódios, mudando de nome, mas mantendo o amor por Janaína e o seu espírito de luta.
- É interessante refletir sobre as marcas que o extermínio dos índios e os mais de 300 anos de escravidão deixaram em nossa sociedade até hoje. Em uma rápida pesquisa pelos programas televisivos (incluindo novelas), é fácil perceber o descaso na representação de negros e índios.

Ditadura militar – a história recente ainda é desconhecida

- A presidente Dilma Rousseff fez parte de um grupo de resistência política no período da ditadura militar no Brasil (1964-1984), tendo sido presa e torturada. Anos depois, tornou-se ministra e foi eleita presidente do país. Ainda assim, a história recente do Brasil é pouquíssimo conhecida entre as crianças e jovens. “Viver sem conhecer o passado é viver no escuro”.
- Os presos políticos brasileiros, que não foram poucos, viveram situações de violência que ultrapassam os limites da dignidade. Por que será que até hoje nas delegacias e prisões existe a tradição maldita das torturas e do ferimento aos mais elementares direitos humanos?
- Uma boa pesquisa entre os alunos sobre o período ditatorial, por meio de arquivos históricos, filmes, músicas, peças de teatro, pode trazer a discussão sobre os resquícios de autoritarismo e violência, ainda presentes na sociedade. Há movimentos institucionais que buscam a punição dos

torturadores e responsáveis pela morte e desaparecimento de centenas de brasileiros. Trata-se de uma ferida ainda aberta.

Olhar transversal – relações de gênero

- Janaína morre e renasce sempre. É possível perceber seu amadurecimento ao longo do filme, representando as transformações da condição da mulher na sociedade. No período colonial, Janaína é despojada e ingênua, depois se torna mãe, e a dor a mobiliza para a luta. Na fase da ditadura militar, ela está ao lado dos homens e é uma grande atiradora, enquanto no último episódio ela comanda a ação revolucionária.
- Nossos heróis são de carne e osso. Romance e luta política não estão dissociados. Muito pelo contrário. É preciso olhar para o passado e compreender não apenas a tradição da violência, mas os movimentos de resistência. Uma história de amor e fúria que precisa ser transformada!



As melhores coisas do mundo

Gênero: Drama | Direção: Laís Bodanzky | País e ano de produção: Brasil/2010 | Duração: 105 minutos | Obs.: para o Ensino Médio

Sinopse: Mano tem 15 anos, sonha em tocar guitarra, deseja a menina “gostosa” da escola, circula de bicicleta pela cidade e vai na onda da turma, tentando ser “popular”. A separação dos pais o coloca em situações difíceis e ele percebe que tornar-se adulto não é uma tarefa fácil. Neste filme estão presentes os principais dilemas de um adolescente como os papos com a melhor amiga, o medo de ser “zoad” na escola, a admiração pelo irmão mais velho, as aulas de violão e o doloroso e necessário amadurecimento para enfrentar o mundo.

Sugestões de debates:

Sexualidade

- O filme mostra como os adolescentes vivem em um mundo de competição, de relatos exagerados para “impressionar a turma”, o que não revela a insegurança que a maioria sente em relação à primeira transa, à preven-

ção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis e às transformações de seu corpo. A personagem mais sincera é Carol que diz estar cansada de beijos que “nada querem dizer no dia seguinte”. Mano fica muito sem graça quando sua mãe lhe dá a camisinha, mas ele a usa quando é a hora certa. Essas cenas podem proporcionar ótimos debates entre adolescentes.



Adolescentes x Adultos

- Neste filme, não apenas os adolescentes são inseguros. Os adultos, pais e professores são de carne e osso, isto é, também têm dúvidas sobre suas opções, nem sempre dão conta de compreender o que se passa com seus filhos, demonstram fragilidade, desatenção e às vezes são injustos, como foi o caso da diretora da escola. Mas nem por isso são vilões.
- A mãe de Mano tenta ser coerente, ao não permitir que o filho ridicularize seu ex-marido, porém também apresenta seus momentos de fraqueza e de ingenuidade, ao contar detalhes de sua superação à mãe do colega de Mano. A cena da quebra dos ovos é um momento de catarse e de profunda aproximação entre mãe e filho, uma cena memorável, que pode fomentar o diálogo sobre as relações familiares.

- Da mesma forma, o jeito do professor Arthur pode propor discussões sobre o papel do educador da atualidade e a responsabilidade do aluno na prática escolar.

Individualidade x Coletividade

- O tema *bullying* vem originalmente da palavra inglesa *bully*, que significa “valentão”. Trata-se de uma prática agressiva e sistemática de intimidação que pode gerar muita angústia, depressão, evasão escolar, entre outras situações dramáticas. Para os que são intimidados, há o grande medo de se sentirem ridicularizados, de serem considerados “diferentes”. O filme pode provocar uma reflexão interessante sobre o fortalecimento do jovem no ambiente escolar e na sociedade, valorizando e respeitando as diferenças.
- Há dois *blogs* no filme: o da Dri Moraes, a menina mais fofqueira da escola, que expõe as pessoas com crueldade, o que pode ser chamado de *cyberbullying*. O outro é o *blog* de Pedro, irmão de Mano, onde ele desabafa suas angústias, insere suas poesias e tenta dialogar com o mundo adulto. As redes sociais são ferramentas virtuais que reproduzem as relações da sociedade em geral. Elas podem ser usadas positivamente como canais de expressão, mas também podem significar invasão de privacidade e opressão.
- Mano vive um grande conflito, parece que seu mundo vai desabar, mas ele reage organizando um abaixo-assinado e participando de uma chapa do grêmio escolar. A saída que ele encontra é pela coletividade. Ele percebe, mesmo tendo a chapa derrotada, que é preciso se unir a pessoas que pensam como ele, pois a solidão diminui. Os grêmios já desempenharam importante papel na vida escolar dos jovens até os anos 1980. Tanto eram as entidades que representavam politicamente os estudantes, como tinham a tradição de organizar cineclubes e promover debates sobre filmes, como atividade regular.

Diana Zatz Mussi é uma das autoras do livro "Aventura da Imagem", lançado pela Editora Moderna



Mãos à obra

Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, Diana Zatz Mussi, uma das autoras do livro "Aventura da Imagem", lançado pela Editora Moderna, aproveitou para reforçar algumas considerações ao professor que deseja produzir um vídeo em sala de aula.

"A primeira coisa que me vem à cabeça é que é fundamental admitir que os alunos de hoje estão acostumados com a linguagem audiovisual, não só como espectadores, mas também como realizadores. Todos eles fazem vídeos, alguns sabem até mesmo editar. Não sei se já fomos capazes de compreender a profundidade com que os celulares e a facilidade que temos de registrar imagens transformam a nossa relação com o audiovisual. Estamos tão imersos neste cotidiano repleto de imagens, que muitas vezes não nos damos conta de estarmos diariamente produzindo conteúdo audiovisual. Por esse e por outros

motivos me parece fundamental olhar para esse assunto em sala de aula.

Entre os pontos positivos de utilizar o audiovisual na escola está a possibilidade de trabalhar a visão e as narrativas do real. Quer dizer, apreciar a realidade através do cinema traz a oportunidade de deslocar o olhar, rever os pontos de vista. E, por outro lado, a prerrogativa de contar uma história expõe como as narrativas que nos chegam diariamente através dos principais canais de mídia são apenas uma versão da realidade, um dos muitos discursos possíveis sobre um fato. Nesse sentido, me parece que as melhores temáticas para se criar audiovisual nas escolas são aquelas que estão trazendo inquietações para os alunos. Ao mesmo tempo, é preciso avaliar se os professores têm interesse e disponibilidade para trabalhar com esses assuntos e também se há um campo produtivo a se explorar.

A realização audiovisual é uma forma de registro, assim como a redação, o desenho, a música. Dependendo da temática, cada um desses meios pode oferecer vantagens em relação aos outros. Histórias de vida, de bairro, das comunidades, as origens dos alunos e de seus pais costumam ser um campo bastante produtivo em relação ao audiovisual. Acho muito bacana quando estudantes são levados a questionar seus pais e avós e rever sua própria história, valorizando, criando novas relações e recriando a narrativa de sua vida. Mas essa temática é somente uma entre muitas outras bacanas para trabalhar.

Um dos teóricos mais importantes para pensar cinema em ambientes pedagógicos é o francês Alain Bergala. Na realidade ele não é somente teórico pois realizou muitas ações inovadoras de introdução de cinema nas escolas. Existe inclusive um projeto chamado *Imagens em Movimento* no Rio de Janeiro,



Alain Bergala é crítico de cinema, ensaísta, roteirista e diretor de cinema. Em 2000, tornou-se conselheiro de cinema de Jack Lang, Ministro da Educação na França, com quem discutiu e montou um bem-sucedido projeto com artes na educação

que conta com a metodologia desenvolvida por Bergala. Nesta proposta, os alunos são convidados a assistir filmes de diversos momentos do cinema e também a vivenciar os desafios que cada um dos cineastas de outrora viveram, como, por exemplo, sugere iniciar o processo com o “minuto Lumière”. Sabemos que os irmãos Lumière, realizadores de algumas das primeiras imagens em movimento do mundo, tinham rolos de película reduzidos e por isso filmavam cenas curtas, como “A chegada do trem à estação” ou “O almoço do bebê”. Quando os alunos são colocados para filmar uma única cena de no máximo um minuto são desafiados a pensar em um enquadramento, em um acontecimento interessante de ser registrado. Os filmes dos primórdios do cinema, como por exemplo de Méliès e Charlie Chaplin, além de maravilhosos, são extremamente ricos para serem propostos para os alunos. O fato de serem películas mudas, por exemplo, pode trazer questionamentos interessantes.

Sobre a divisão de tarefas/funções: o audiovisual é bastante colaborativo, e acredito que há espaço para todo mundo. Todos podem filmar, editar, redigir um roteiro ou relacionar perguntas para um documentário, pensar a arte, etc. Acho que cada

um pode fazer o que quiser e cada função pode ser realizada por mais de um aluno. Há a possibilidade até de alguém realizar um pequeno filme sozinho, se sentir necessidade. Acredito que a idealização do projeto, quer dizer, conversas e combinados sobre o que e como fazer podem resultar em bastante material pedagógico e educacional.

Dou um exemplo da forma de organização do trabalho no campo profissional, pois acredito que pode ajudar a montar os projetos em sala de aula: na minha produtora, sempre que pegamos um trabalho, reunimos toda a equipe para pensar e criar; todos dão ideias e vamos aos poucos determinando como queremos trabalhar um projeto específico. Depois disso cada um de nós sai em busca de exemplos. Quer dizer, o Youtube está aí para ser usado, né? Por que não correr atrás de referências?! Voltamos então para o grupo e assistimos tudo isso juntos para então traçar um plano de ação”, finaliza Zatz.

Sugestão de leituras sobre a temática



• **Aventura da imagem** (Lia Zatz e Diana Zatz Mussi, 64 págs., Ed. Moderna) Desde pequeno você tem contato com imagens em casa, na rua, na escola, nos livros,

revistas, televisão, computador... Quanto essas imagens têm a ver com a realidade? Quais são suas funções? Como evoluíram, desde as pinturas nas cavernas até as fotos dos satélites? Este livro é apenas uma introdução e convida o leitor a refletir sobre o assunto.



• **A linguagem secreta do cinema** (Jean-Claude Carrière, 184 págs., Ed. Nova Fronteira) Ângulo, câmera, iluminação, cenário, elenco e técnica são alguns dos temas abordados neste livro. Além disso, o autor explica como os filmes alteraram nossa percepção do tempo e como o cinema ajudou a desenvolver a mídia visual.



• **PC Siqueira está morto** (Alexandre Matias, 248 págs., Ed. Suma de Letras Brasil) PC Siqueira se tornou um dos primeiros *youtubers* do Brasil no começo dos anos 2000, uma época em que quase ninguém ligava uma câmera para

dizer o que pensava para depois jogar o vídeo na internet. Ele é a voz crítica dos seus pares, que conhece o poder e também a responsabilidade de ter milhões de seguidores nas redes sociais.



• **Como formatar o seu roteiro** (Hugo Moss, 32 págs., Ed. Aeroplano) Esta obra é um guia essencial e indispensável para os roteiristas brasileiros, sejam estes jovens aspirantes ou já profissionais na criação de roteiros.

O livro é o primeiro do gênero e vem preencher uma enorme lacuna no fazer do cinema nacional.

A voz de quem atua



Thelma Guedes

Não só de filmagem e edição vivem os bons vídeos, mas deve-se sim levar em consideração a importância do roteiro, estrutura fundamental de planejamento da narrativa audiovisual. Em uma entrevista exclusiva à redação da Revista Appai Educar, a roteirista da Rede Globo Thelma Guedes, con-

sagrada pelas novelas “O Profeta”, “Cordel Encantado” e “Joia Rara”, revela algumas sugestões aos alunos que desejam escrever para vídeos. “Para ser bom tem que estudar muito e o tempo todo. Tem que ler e assistir de tudo, tentando aprender sempre. O roteirista tem que se ‘equipar’ ao máximo, para cada vez mais se sentir seguro. Talvez a ‘ferramenta’ mais importante seja a vontade de aprender”, ratifica Thelma.

Segundo o *youtuber* PC Siqueira, que tem mais de dois milhões de inscritos em seu canal no Youtube, o preconceito nas temáticas deve ser combatido, e o humor é uma das melhores ferramentas para tratar do assunto. “Não se pode censurar as coisas por, eventualmente, parecerem ser preconceito. É preciso discutir a questão e não simplesmente ‘censurar’”, explica. PC ressalta que é preciso calma e cuidado para produzir e que é um erro criar um canal de vídeos com o intuito imediato de ganhar dinheiro.

Já para o jornalista e mestre em Comunicação Social Geraldo Mainenti, que atualmente leciona nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), os principais campos de desenvolvimento de produções audiovisuais, o cinema, a TV e a internet, são mundos ao mesmo tempo cruéis, pela realidade dura que retratam, e lúdicos, pela possibilidade que abrem à criação e ao experimento. “Lidar desde cedo com esses extremos, podendo expor e transmitir emoções e sensações, através de dois dos principais elementos da informação, o som e a imagem, é um caminho irreversível para que o jovem se depare com a responsabilidade de exercer, em plenitude, um dos bens sagrados do ser humano: a liberdade de expressão. Ao produzirem roteiros documentais, terão de ater-se aos fatos, aos documentos, à realidade. Ao investirem em roteiros ficcionais, darão vazão às ideais, à criatividade, ao *non sense*, a transgressões necessárias ao desenvolvimento intelectual. Ter a oportunidade de expressar-se livremente através de um segmento com forte impacto social e abrangência será uma experiência riquíssima, que certamente vai ajudá-los na estruturação de uma vida futura menos careta e mais participativa”, enfatiza Mainenti.

■ Colaboração: Richard Günter

Fontes: Tela Brasil | Globo Universidade



Educação Física

VALORES OLÍMPICOS

A cada quatro anos, atletas de todos os continentes se reúnem em um país-sede para as disputas de um conjunto de modalidades esportivas. São os jogos olímpicos, fundamentados não apenas nas regras de cada modalidade, mas principalmente nos valores humanos, combinando esporte, educação e cultura. Os alunos da Escola Municipal Dr. Rubens Falcão, em Nova Iguaçu, vivenciam esse clima, só que anualmente, quando as turmas disputam a Olimpíada do Rubinho. A escola atende a crianças da Educação Infantil, entre quatro e cinco anos, e do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Este ano, com a realização das olimpíadas no Rio de Janeiro, o enfoque foi ainda maior com a elaboração do projeto *Valores Olímpicos*, cujas ações foram contextualizadas objetivando tratar não apenas da importância da prática esportiva na vida das pessoas como também resgatar os preceitos éticos e sociais da humanidade. Os valores olímpicos guiaram as atividades sobre a importância do respeito à diversidade, bem como trataram, por meio de exemplos cotidianos, de assuntos como *bullying*, discriminação racial e de gênero. “O projeto foi elaborado seguindo as orientações gerais da Secretaria Municipal de Educação. Baseados nos parâmetros gerais, elaboramos o próprio projeto, de acordo com a realidade da escola. No início do ano, fizemos o planejamento, a elaboração das atividades e a justificativa



Com o projeto Valores Olímpicos, as ações foram contextualizadas não apenas na importância da prática esportiva na vida das pessoas como também em resgatar os preceitos éticos e sociais da humanidade



Os alunos fizeram diversos trabalhos, em cartazes, maquetes, etc. Os do 2º ano, por exemplo, focaram na localização e identificação no mapa dos bairros que sediarão os jogos



do projeto”, complementa a coordenadora pedagógica Michele Sellos da Luz.

Ao longo do projeto, a prática de atividades físicas foi bastante estimulada. A Educação Infantil e as turmas de 1º e 2º anos participaram de gincanas com tarefas lúdicas envolvendo corrida, equilíbrio em corda e arremesso de bola. Já os alunos do 3º, 4º e 5º anos participaram de modalidades esportivas adequadas à faixa etária: futebol, queimado, arremesso, corrida, revezamento e cabo de guerra. “Buscamos trabalhar o espírito olímpico, o jogo limpo e valores como a honestidade, o respeito aos colegas de grupo e aos adversários, sempre enfatizando os ensinamentos que o esporte pode propiciar para a vida”, declara o professor de Educação

Física Carlos Eduardo Simas. Ele completa: “Como educador, sei da importância de inserir a atividade física desde a infância, tanto pelo desenvolvimento do aspecto motor, quanto cognitivo e social. E tem a questão da formação da cidadania, pois através do esporte se aprende a respeitar, a competir e, principalmente, entender que nem sempre se vai ganhar, mas que se possa dar o melhor de si”. O estagiário de Educação Física Thiago Henrique participou de cada etapa do projeto e garante que foi um período de muito aprendizado para todos. “Foi gratificante ter a oportunidade de vivenciar esse projeto com os alunos e com a equipe pedagógica. A mensagem que fica para todos é que para ser vencedor não precisa ganhar, basta superar

as próprias dificuldades e seus próprios limites”, diz.

A professora Tainã Pordeus enfatizou, com alunos do 1º ano, a história e os nomes dos mascotes de cada olimpíada. Além das produções artísticas de pintura e dobradura, a docente promoveu, ainda, o subprojeto “Todo atleta tem que ter...”, abordando as principais características na formação de um esportista, como dedicação e esforço. “Fizemos uma analogia dessas características com o processo de aquisição da leitura e escrita dos alunos. Mostramos que eles precisam se espelhar nos atletas para produzir melhor na escola. Considerando as hipóteses de escrita de cada aluno, foi produzido por eles um cartaz com palavras que consideram importantes para um esportista. Optamos por manter

a forma com que escreveram e fomos conversando sobre o empenho que cada um precisa ter para superar os desafios e aprimorar a leitura e a escrita”, declara.

A professora Juliana da Silva Coutinho também trabalhou, com outra turma do 1º ano, a questão dos valores, associando-as à alfabetização. “Os alunos estudaram as letras e os fonemas das palavras, utilizando valores olímpicos como estímulo para alcançarem seus objetivos. Abordamos também aspectos ligados à saúde, como alimentação saudável, sempre fazendo comparações com a vida de um atleta. Eles ficaram tão envolvidos que, se alguém entrar na nossa sala e perguntar o que eles são, certamente vão dizer em coro que são o time de ouro. E se alguém perguntar o que é necessário

para receber essa medalha de ouro, eles responderão ler e escrever. A olimpíada nos trouxe essa oportunidade de fazer a associação da vitória com a educação”, testemunha.

Já a professora Amanda Rosa, do 2º ano, focou o trabalho na localização e identificação no mapa dos bairros que sediarão os jogos. Ela também desenvolveu trabalhos com os mascotes de todas as edições dos jogos olímpicos. Com a turma do 3º ano, a professora Renata Oliveira destacou o respeito e a solidariedade, com o objetivo de evitar episódios de *bullying* e agressões. “A nossa proposta é alfabetizá-los em relação às diferenças, no sentido de que eles aprendam a respeitar o outro, tanto no espaço escolar quanto no seu dia a dia. É nessa perspectiva que eles leem histórias e produzem textos,

valorizando o erro enquanto aprendizagem”, afirma. Com o 4º ano, a professora Joelma Vale fez um livro, com a produção dos alunos, narrando a história das olimpíadas, o mapa-múndi e a simbologia dos arcos olímpicos. “Considero muito importante trabalhar com mapa e possibilitar às crianças o conhecimento espacial e geográfico”, ensina.

Em sala de aula, paralelamente ao lançamento dos conteúdos de cada disciplina, as turmas do 4º e do 5º anos também participaram da olimpíada do conhecimento. Os alunos estudaram o conteúdo proposto pelas professoras e, em um dia específico, participaram desse desafio, que envolveu a língua portuguesa e o raciocínio lógico. “Dentro do nosso PPP, temos a missão de desenvolver a leitura e a escrita dos alunos. Em todos





Os estudantes participaram de gincanas com atividades lúdicas envolvendo corrida, equilíbrio em corda e arremesso de bola, queimado, corrida, revezamento e cabo de guerra

os trabalhos, priorizamos isso, com a inserção de textos informativos, histórias em quadrinhos e todos os gêneros textuais que possam dar suporte ao tema proposto. Os alunos são estimulados a escrever redações, frases e parágrafos que expressem a ideia que o professor quer passar. Para as turmas menores da Educação Infantil, ainda não alfabetizadas, todo o trabalho feito pelas professoras é expresso em produções simbólicas, contextualizadas por meio do desenho, que ainda é a forma deles se expressarem”, justifica a coordenadora Michele.

O projeto também levou em conta o aspecto solidário. Alunos e professores promoveram um varal solidário, no início do inverno, para arrecadar agasalhos. A diretora da escola, Jaqueline Lopes de Mattos, faz uma avaliação do projeto: “Com o tema proposto, abordamos os valores não apenas

olímpicos, mas aqueles que temos de carregar pela vida toda. Os nossos alunos especiais trabalharam junto aos demais, num processo de interação. O resultado foi positivo porque a proposta foi incentivar não apenas a competir, mas acima de tudo a participar. O mais importante é o que eles assimilaram com o projeto”.

■ *Por Tony Carvalho*

Escola Municipal Dr. Rubens Falcão

Rua Carlos Pereira Leal, 452 – Santa Eugênia –

Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26285-130

Tel.: (21) 2698-0901

E-mail: emrubensfalcao@ig.com.br

Diretora-geral: Jaqueline Lopes de Mattos

Fotos: Tony Carvalho

ROLOU NA WEB



No *blog* Appai você confere o que rolou no “Educação 360 na Infância”, seminário que apontou propostas sobre a universalização da Educação Infantil como base para as crianças em seu desenvolvimento escolar.



Além da coluna do professor e escritor Sandro Gomes, agora você confere também a presença da Mestre em Educação Andréa Schoch. Curta a nossa página no Facebook e não perca esse conteúdo!

Voz do professor

“Primeiramente gostaria de agradecer a matéria publicada na Revista Appai Educar. E parabenizar pelo texto e sobretudo por receber a capa dessa revista que é tão conhecida em todo o estado. Mais uma vez preciso dizer que o fato do nosso projeto estar numa revista colabora ainda mais para concretização da autoestima não só dos nossos alunos mas também de nós professores e toda a comunidade escolar. Tento de alguma maneira transformar a realidade, e encontrar uma pessoa e com um veículo de comunicação que propaga boas práticas é simplesmente a materialização do reconhecimento. Por isso, gostaria de dizer que foi muito importante pra mim enquanto pessoa e profissional. Obrigada por me ajudar a transformar um pouco a realidade de uma comunidade muito difícil.”

Tatiana Barradas, do Colégio Estadual Professora Regina Célia dos Reis Oliveira, via e-mail.

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“A Revista Appai Educar de conteúdo fundamental para professores, lúdica e de alta qualidade! Sou fã!” - **Andréa Schoch**, via **Facebook**.



“A Revista Appai Educar é de grande valia e rica em conteúdo. Parabéns pelo trabalho excelente!” - **Rita de Cássia Araujo Brun**, via **Facebook**.



“A Appai contribui para o desenvolvimento físico, mental e social dos seus associados através dos seus programas. Parabéns!” - **Flávia Gonçalves**, via **Instagram**.

As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube – youtube.com/appairj

appairj.blogspot.com.br

SUMÁRIO

02 PALAVRA DO EDITOR

Em vez de "por quês", mais respostas

03 OPINIÃO

O museu e a escola

04 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Um tema sustentável

12 INTERDISCIPLINARIDADE

Estudar o passado para descobrir novos horizontes

16 ENTREVISTA

Professora de física participa do revezamento da Tocha Olímpica em Friburgo

22 LITERATURA

William Shakespeare: seu aluno conhece?

27 INTERDISCIPLINARIDADE

O abraço das nações

36 LETRAMENTO

É muito mais do que saber ler

CAPA

Durante a Mostra Pedagógica, as turmas de cada curso da FAETEC CVT Paiol apresentaram aos visitantes um pouco do que aprenderam e mostraram na prática que escola também é lugar para unir habilidades e competências com resultados empreendedores.



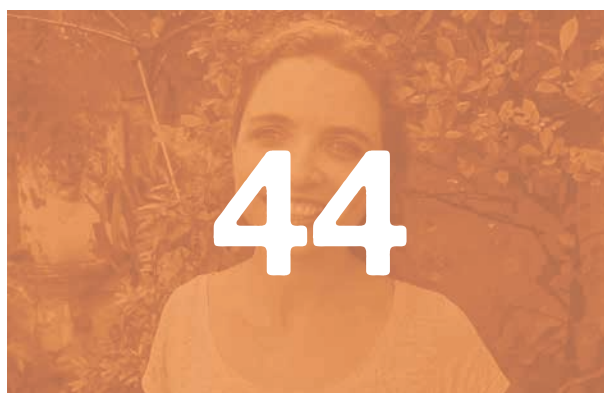
MAPA SONORO

A escuta como ferramenta de leitura, reconhecimento e interação com o espaço escolar



PRONTOS PARA O MERCADO

Alunos promovem uma mostra pedagógica com o objetivo de apresentar o trabalho realizado na instituição



CINEMA EM AMBIENTES PEDAGÓGICOS TEM AUDIÊNCIA?

Saiba como realizar atividade prática audiovisual agregando debate educativo à realidade dos alunos



VALORES OLÍMPICOS